



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

RICHARD FERNANDES DE OLIVEIRA

VERMELHO-BOI:
a menstruação no Projeto Atlas Linguístico do Brasil em uma análise dialetológica,
numa perspectiva *queer* dos falares de Pernambuco

DISSERTAÇÃO

RECIFE
2023

RICHARD FERNANDES DE OLIVEIRA

VERMELHO-BOI:
a menstruação no Projeto Atlas Lingüístico do Brasil em uma análise dialetológica,
numa perspectiva *queer* dos falares de Pernambuco

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para o exame de qualificação.

Área de concentração: Estudos Interdisciplinares da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Marcela Moura Torres Paim.

RECIFE
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F363v

Oliveira, Richard Fernandes de

Vermelho-boi: A menstruação no Projeto Atlas Linguístico do Brasil em uma análise dialetológica, numa perspectiva queer dos falares de Pernambuco / Richard Fernandes de Oliveira. - 2023.
87 f. : il.

Orientadora: Marcela Moura Torres Paim.

Coorientador: Iran Ferreira da Silva.

Inclui referências e apêndice(s).

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Recife, 2024.

1. Menstruação. 2. Tabus linguísticos. 3. Dialetologia. 4. Teoria Queer. I. Paim, Marcela Moura Torres, orient. II. Silva, Iran Ferreira da, coorient. III. Título

CDD 470

RICHARD FERNANDES DE OLIVEIRA

**VERMELHO-BOI:
a menstruação no Projeto Atlas Linguístico do Brasil em uma análise dialetológica,
numa perspectiva *queer* dos falares de Pernambuco**

Dissertação de mestrado apresentada como requisito ao exame de qualificação, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Rural de Pernambuco, à seguinte banca examinadora:

Orientadora: _____

Profa. Dra. Marcela Moura Torres Paim
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

Banca examinadora: _____

Profa. Dra. Vicentina Maria Ramires Borba
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

Banca examinadora: _____

Profa. Dra. Geisa Borges da Costa
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Banca examinadora (Suplente): _____

Prof. Dr. Natanael Duarte de Azevedo
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

Banca examinadora (Suplente): _____

Profa. Dra. Gláucia Renata Pereira do Nascimento
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

RECIFE
2023

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação de mestrado aos meus sobrinhos, que a natureza geminada faça de vocês seres complexos em amor e cumplicidade. Não sabia antes, mas agora eu sei: é tudo por vocês.

“Mulher, a culpa que tu carrega não é tua

Divide o fardo comigo dessa vez

Que eu quero fazer poesia pelo corpo

E afrontar as leis que o homem criou pra dizer”

(Ekena)

RESUMO

Dissertar sobre tabus relacionados à menstruação é tratar de dois assuntos tão milenares quanto atuais, pois a menstruação sempre existiu na história da espécie humana, e os ditos proibidos sempre existiram nas práticas sociais de linguagem. Esse aspecto histórico desemboca, atualmente, em diversos oceanos; um destes é de interesse da Teoria Queer. Neste local, engajamos uma missão inovadora, que consiste em navegar pelas águas do sistema gênero-corpo-sexo em interface com os apontamentos dialetológicos, na tentativa de desbravar fronteiras e limites inéditos. Este trabalho, então, procura investigar como são percebidos os tabus linguísticos acerca da menstruação, numa perspectiva queerificada, a partir das respostas à questão semântico-lexical 121 (QSL-121), do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), “as mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?” (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001, p. 31), coletadas no estado de Pernambuco. A partir daí, são analisadas qualitativamente quais dos registros dialetais coletados refletem nuances tabuísticas que se apresentam nas falas dos informantes entrevistados, sobretudo no que concerne à compreensão de como se organizam linguisticamente as acepções de corpo, gênero e sexo de pessoas que menstruam. Para discorrer acerca desse objetivo, a pesquisa ancora-se, teoricamente, principalmente em Cardoso (2010) e em Paim (2019) para os fundamentos da Dialectologia Pluridimensional; em Paim (2019), nos apontamentos metodológicos da Geolinguística; e em Butler (2020), Preciado (2009), nos pressupostos da Teoria Queer. Os resultados das análises revelam a existência de registros dialetais que se referem à menstruação por meio de várias expressões, como “estar doente”, ou “estar incomodada”, que fortalecem, por meio dessas marcas na linguagem, a concepção de impureza e de incapacidade do corpo, além de reforçarem tabus sociolinguísticos acerca dos ciclos de vida de quem menstrua, afetando os sentidos linguísticos quando o tema é a menstruação de diferentes grupos de pessoas.

Palavras-chave: Menstruação. Tabus linguísticos. Dialectologia. Teoria Queer.

ABSTRACT

To discuss taboos related to menstruation is to address two subjects as ancient as they are current, as menstruation has always existed in the history of the human species, and the so-called prohibitions have always been present in social language practices. This historical aspect currently flows into various oceans, with one of these being of interest to Queer Theory. In this space, we embark on an innovative mission, navigating the waters of the gender-body-sex system in conjunction with dialectological considerations, attempting to explore unprecedented boundaries and limits. This work seeks to investigate how linguistic taboos regarding menstruation are perceived from a queer perspective, based on responses to the semantic-lexical question 121 (QSL-121) from the Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) project: "Women lose blood every month. What is this called?" (National Committee of the ALiB Project, 2001, p. 31), collected in the state of Pernambuco. Qualitatively analyzing the collected dialectal records, the research examines nuances of taboos present in the speech of interviewed informants, especially concerning the understanding of how the meanings of body, gender, and sex of menstruating individuals are linguistically organized. To address this objective, the research is theoretically anchored in Cardoso (2010) and the foundations of Pluridimensional Dialectology; Paim (2019) and the methodological notes of Geolinguistics; Guérios (1979) and studies on linguistic taboos; and Butler (2020), Preciado (2009), and other authors, in the assumptions of Queer Theory. The results of the analyses reveal the existence of dialectal records that refer to menstruation through various expressions, such as "being sick" or "being uncomfortable," which strengthen, through these language marks, the conception of impurity and incapacity of the body, reinforcing sociolinguistic taboos regarding the life cycles of menstruating individuals, affecting linguistic meanings when the topic is menstruation in different groups of people.

Keywords: Menstruation. Linguistic taboos. Dialectology. Queer Theory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fotografia presente na publicação encaminhada pelo QR Code.....	14
Figura 2 – Comentários presentes na publicação encaminhada pelo QR Code	14
Figura 3 – Texto associado à fotografia presente na publicação encaminhada pelo QR Code	15
Figura 4 – Publicação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT).....	18
Figura 5 – Estado de Pernambuco e suas Mesorregiões.....	32
Figura 6 - Distribuição de pontos de inquérito em Pernambuco, desde Nascentes ao ALiPE.	34

APRESENTAÇÃO

O inverno começa na cidade de Camaragibe, Região Metropolitana do Recife, em Pernambuco, uma cidade implodida por um crescimento desprogramado e a cada dia mais apinhada de novos condomínios para pessoas de classe média. Uma cidade que cresceu às margens de uma rodovia estadual e se caracterizou por ser um ponto de passagem, agora se transforma em ponto de estadia, em um foco residencial para afugentar moradores da capital comercializada e gentrificada. Vi-me diante de uma tela fria de comutador iniciando o fim desta escrita, a qual terminei apenas na primavera, mas não aquela de flores e cores, mas esta de calor, chuva inconstante, crises alérgicas e suor. Foi nessa cidade em transformação, com novas frenesis, num clima úmido, chuvoso, ensolarado, de frio questionável, de calor absoluto e morando próximo de uma linda e perigosa reserva florestal que fiz esta dissertação. Apresentar este texto começando por esse contexto do seu término é uma escolha que faço baseada na melhor maneira de caracterizar seu processo: frenético, climático, suburbano e transformador.

Nesse lugar, com essas camadas, este trabalho surgiu e se desenvolveu num momento em que eu digladiava com demandas de vida nunca antes pensadas por mim; num momento em que eu descompassava prazos, demandas e produções... Mas não só isso, esta dissertação veio para abrir caminhos dentro de mim e me apresentar a uma nova realidade, na qual novos conhecimentos se fizeram e novas pessoas se conectaram a mim; ou ainda aumentou e fortaleceu conexões com pessoas que já faziam parte dos meus ciclos. Assim sendo, de todas as formas, seguir uma trajetória por esta pesquisa foi também mergulhar na vida para além da acadêmica, ou da ciência. Sua concepção, escrita e conclusão não poderiam ser, portanto, diferentes disso; não poderiam ir contra a natureza diversa que lhe foi apresentada; não poderiam contrastar com a complexidade que é a vida de uma pessoa antes e agora estudante, antes bolsista e agora professor, ainda pobre e também trabalhador, por muito tempo sem expectativa de futuro.

Foi passando por isso que reforcei a tomada de uma decisão: esta escrita não será apenas a duas mãos, pois não me sinto capaz de fazê-la sem companhia; e não passará unicamente por minha leitura, pela leitura dos meus orientadores e pela leitura da banca, pois é preciso mais alcance e mais atenção ao que será escrito. Isso inclui o motivo principal para essa escolha, conforme também direi adiante: o tema da menstruação não é parte que integra os meus ciclos de vida, nem nunca será. Devido a isso, convidei pessoas que menstruam, menstruaram ou potencialmente podem menstruar – com exceção de uma que, junto comigo, montou uma entrevista teórica – para realizarem uma leitura sensível-crítica e para contribuírem com a

escrita de trechos teóricos. Essas pessoas, em várias medidas, tornam-se coautoras do meu processo de aprendizagem e de produção do conhecimento.

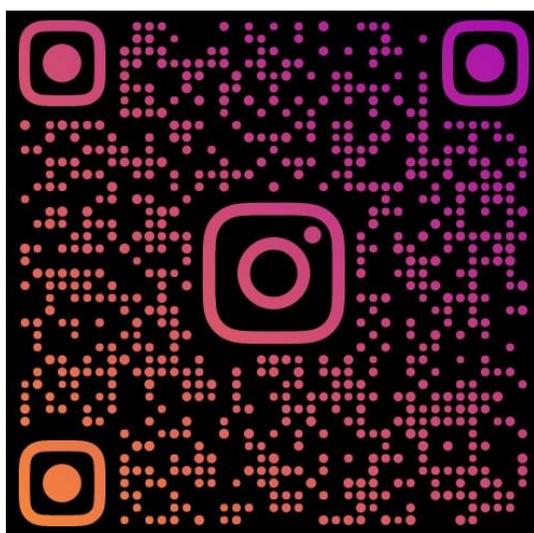
SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: TENSÕES PRÉ-PESQUISA	17
1.1 PALAVRAS QUE INICIAM.....	12
1.2 SOBRE OBJETIVOS, OBJETOS, CONTEXTOS.....	20
CAPÍTULO 2: TONS DE VERMELHO-SANGUE	24
2.1 QUEM, O QUE, DE ONDE E QUANDO DIZ: DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL	25
2.1.1 Dialetologia Pluridimensional: as cinco fases e breves considerações	25
2.1.2 Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB): alguns apontamentos históricos, breve caracterização e método geolinguístico	28
2.1.3 Distribuição geográfica de Pernambuco: rede de pontos do Projeto ALiB no Estado e influências linguísticas.....	31
2.2 APRESENTANDO A METODOLOGIA DA PESQUISA	35
2.3 ALGUNS PERCURSOS DAS DOMINAÇÕES SOBRE O CORPO-SEXO-GÊNERO QUE MENSTRUA.....	41
CAPÍTULO 3: TONS DE VERMELHO-FÉRTIL	49
3.1. REFLEXOS DE TABUS SOBRE A MENSTRUACÃO PRODUZIDOS NOS DADOS DO PROJETO ALiB EM PERNAMBUCO	50
CAPÍTULO 4: CORPO LÚTEO	57
“PARA MIM, É LIMPEZA”	58
4.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	61
APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS DO PROJETO ALiB EM PERNAMBUCO, QSL 121	65

CAPÍTULO 1: TENSÕES PRÉ-PESQUISA

Início da regra

Leitura sensível:
Débora Tenório
Byron Albuquerque



1.1 PALAVRAS QUE INICIAM

*“Na fé de Zambi / E de Oxalá / Pedimos Licença /
Pros trabalhos começá*

Abram os caminhos / Abram os caminhos

Abram os caminhos / Abram-se os caminhos”

(MC Tha)

Começo¹ a escrita do prelúdio desta dissertação de mestrado batendo os pés no chão e pedindo licença às divindades que nos guiam, a essas que chamei e a tantas outras que existem. Peço licença também a todas as pessoas que têm/tiveram a menstruação como ciclo de vida: esta pesquisa é, em grande parte, sobre o sangramento que, de tempos em tempos, visita/visitou vocês. Não meterei minhas palavras para falar o que é sentir/experenciar esse acontecimento por vezes periódico, muito menos a supor como é conviver com essa dita “regra”. É com todo respeito que me atreverei apenas a deixar algumas palavras científicas(?) sobre esse processo de vida, considerando alguns registros dialetais, algumas teorias de linguagem, algumas visões queerificadas e tal... Tentarei, inclusive, no que estiver ao meu alcance enquanto um corpo testiculado, de gênero ainda a procura e de sexualidade múltipla, contribuir com as denúncias às violências que recaem sobre seus corpos. Com essa licença, peço para que minha recepção seja de pessoa aliada, mas que em nenhum momento deverá deixar de ser policiada sobre o que fará e falará num território que não é meu, mas no qual terei a honra de deixar algumas marcas carimbadas por um estudo de linguagem.

Dito isso, sigamos...

Quando recebi o texto do “projeto guarda-chuva”, *Descrevendo a variação lexical nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil: estudos com base nos ciclos da vida e vestuário e acessórios*, que ancora esta pesquisa, e percebi que trabalharia com o tema da menstruação, senti um primeiro sintoma de tensão por estar num terreno no qual nunca pensei em construir

¹ Ao longo da escrita, alternarei o uso da primeira pessoa do singular com o da primeira pessoa do plural. O “eu” surgirá em momentos da escrita que representam minhas decisões, pensamentos, compreensões e falas individuais sobre o proceder da pesquisa. O “nós” aparecerá para marcar decisões, pensamentos, compreensões e falas que foram construídas coletivamente, seja com meus orientadores e meus fundamentos teóricos, seja com as pessoas que contribuíram com a leitura sensível, coescrita e revisão deste trabalho. Esse é um dos tantos movimentos de ruptura presentes neste texto, embora não seja, de maneira alguma, novidade... e exatamente por isso que me colocam como parte integrante de um grupo que vem tentando subverter a ordem do discurso científico e estabelecer outros muitos caminhos possíveis para o registro da ciência e dos tantos atravessamentos que produzir conhecimento acadêmico tem. Não existe uma terceira pessoa impessoal que apaga o(s) sujeito(s) que diz. Conhecimento tem pessoa(s), é por pessoa(s) e para pessoa(s). Fiz esta pesquisa tão sozinho quanto acompanhado e é assim também que resolvi escrever.

algo. Iniciei, então, um processo de reflexão, planejamento e busca por maneiras de melhor compreender, dissertar e analisar o tema a partir da perspectiva linguística. Tratar de tabus linguísticos já estava previsto pelo roteiro do projeto, mas não a forma com a qual deveriam ser encaixadas as perspectivas da linguagem trazidas pela Dialetologia com a minha identidade *queer* pesquisadora. O meu prólogo de pesquisa – mas também todo o meu percurso até aqui – foi recorrer sobretudo à minha rede de contatos que, além de viverem, têm interesse por falar sobre a menstruação. Além disso, ao cruzar os tópicos “menstruação”, “tabus”, linguagem” e “*queer*” nos algoritmos das minhas redes sociais, deparei-me com publicações que tratavam da menstruação, das mais diferentes maneiras, ampliando a minha visão, pluralizando os meus conceitos e direcionando a minha análise.

Esse movimento de aprendizagem *on-line* levou-me à publicação que é encaminhada pelo recurso interativo conhecido como *QR Code*, apresentado na abertura deste primeiro capítulo. A imagem associada à postagem (figura 1) pode, inicialmente, gerar nojo, repulsa, repressão... e tantas outras sensações aversivas. Digo isso a partir da leitura de vários comentários deixados na postagem que indicam essas impressões (figura 2), corroborando com o fato de a menstruação ainda ser um tema cercado de entraves sociais e linguísticos que criam processos de violências e abjeção sobre os corpos menstruantes. Um sangue que é produto de ciclos naturais de vida de vários corpos com útero, assim, transforma-se em um mar de dominações, tabus e assujeitamentos. Mesmo com tantos avanços sociais que retiram desse processo a desumanização, barreiras históricas mantêm-se consolidadas, perpetuando práticas tabuísticas sobre esse assunto. Essas considerações também aparecem no texto-legenda (figura 3) associado à imagem da postagem em evidência, chamando a minha atenção, portanto, pela controvérsia, explicitude, arte e franqueza que o assunto é tratado.

Figura 1 – Fotografia presente na publicação encaminhada pelo *QR Code*



Fonte: SALOMÃO, Helen. **Autorretrato**. 2020. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CeolEYwMGUW/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em: 18 abr. 2023.

Nota: A fotografia “Autorretrato” foi publicada, originalmente, em 2020, no perfil do *Instagram* da artista Helen Salomão (@helesalomao). A versão acima foi publicada em 2022, pelo perfil da Cultura Inquieta (@culturainquieta), uma prescritora de arte e cultura da Espanha, na mesma rede social. Optei por figurar a republicação devido aos comentários nela presente, pois vários opinam diferentes formas de misoginia (aversão, asco, preconceito etc.). Direcionar a uma publicação com comentários desse tipo é de muito interesse deste texto, uma vez que assumo um tom de escrita que desvela e denuncia as formas de abjeção sobre esse ciclo de vida.

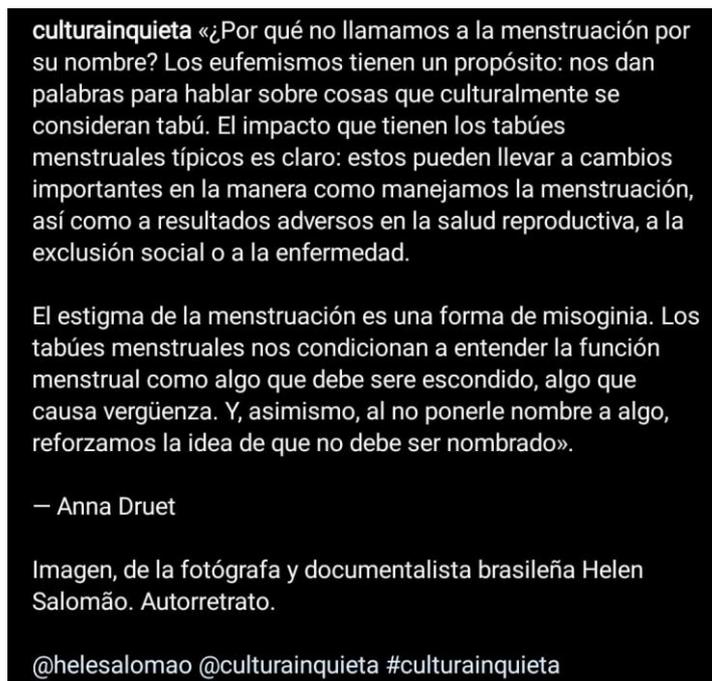
Figura 2 – Comentários presentes na publicação encaminhada pelo *QR Code*



Fonte: SALOMÃO, Helen. **Autorretrato**. 2020. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CeolEYwMGUW/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em: 18 abr. 2023.

Nota: Fiz um recorte de alguns comentários controversos/negativos, mas há presença de outros do mesmo tom, bem como de vários que apoiaram a publicação, totalizando mais de 3500 até o momento deste registro.

Figura 3 – Texto associado à fotografia presente na publicação encaminhada pelo *QR Code*



Fonte: SALOMÃO, Helen. **Autorretrato**. 2020. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CeolEYwMGUW/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em: 18 abr. 2023.

Aqui, no Brasil, essa realidade controversa e de aversão social à menstruação mostrou-se em um recente caso político. Em 2021, os/as representantes progressistas e conservadores dos poderes Legislativo e Executivo do Brasil participaram de um embate político disseminado nas redes sociais, com os mais variados posicionamentos (grande parte violentos, tendo em vista a onda ultraconservadora que toma o Brasil desde meados dos anos 10). A causa da lei proposta em disputa (PL 4.968/2019), de autoria de uma representante do Estado de Pernambuco, na época deputada federal Marília Arraes, era garantir a todas as mulheres em situação de vulnerabilidade social, enquanto direito, o acesso gratuito a absorventes financiados pelo Estado. Essa atitude pretendia, principalmente, garantir a urgência de cuidados às pessoas que menstruam – sobretudo mulheres cisgêneros² –, levando em conta o alto índice de vulnerabilidade feminina. Entretanto, diante de um veto dado a essa distribuição gratuita de absorventes por um Governo Federal – à época negligente e declaradamente misógino –, parte do poder Legislativo que pretendia aprovar a lei entrou em embates políticos.

² Essa especificação de identidade gênero eu que faço, uma vez que a proposta de lei considerava apenas mulheres em seu texto. Até mesmo a lei já promulgada refere-se apenas às mulheres, seja por meio da nomeação dessa identidade, seja pela da utilização de pronomes e flexões nominais no feminino. Deixo aqui um link que contém o texto integral da lei promulgada: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.214-de-6-de-outubro-de-2021-386717587>. Acesso em: 28 mar. 2023. Aproveito ainda esta nota para indicar um link onde uma notícia sobre o caso do veto, à época de seu ocorrido, pode ser lida. Vide: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/10/07/bolsonaro-veta-distribuciao-de-absorventes-a-estudantes-e-mulheres-pobres>. Acesso em: 28 mar. 2023.

Ainda no período, após derrubada do veto pela Câmara dos Deputados, a Lei Federal 14.214/2021 entrou em vigor. Mesmo assim, o então Governo Executivo não se dispôs a criar e nem a pôr em prática um programa de distribuição gratuita de absorventes. Diversos coletivos, ONGs e associações reivindicaram a promulgação de um programa e ampliaram os debates virtuais sobre saúde e dignidade menstrual, trazendo esse tema para a centralidade de várias publicações, *lives*, transmissões, entrevistas etc. Hoje, em 2023, com o país sendo representado por outros líderes de governo e com uma nova configuração de Congresso Federal, o Ministério da Saúde assegura a oferta de absorventes pelo Sistema Único de Saúde (SUS), com foco na população que está abaixo da linha da pobreza. O atual presidente da República, em março, assinou um decreto que cria o Programa de Proteção e Promoção da Dignidade Menstrual. Embora a lei preveja apenas o atendimento a mulheres, o ministério garante que o programa será voltado a todas as pessoas que menstruam: mulheres cisgênero, homens trans, pessoas transmasculinas, pessoas não binárias e intersexo³.

Observando o exemplo trazido pela publicação apresentada, percebendo também os efeitos da disputa política nacional, consigo afirmar uma das muitas relevâncias em estudar os tabus sobre a menstruação: tratar de dois assuntos tão milenares quanto atuais, pois a menstruação sempre existiu na história da espécie humana, e os ditos proibidos sempre existiram nas práticas sociais de linguagem, tal como continuam existindo e tendo urgência para o debate. É igualmente devido a isso que a importância desta pesquisa recai no fato de os tabus estarem diretamente ligados a como, há milhares de anos, falantes e escritores de uma língua, por fatores de inibição, controle, pudor etc., recorrem a estratégias linguísticas para não dizer, ou dizer de maneiras indiretas, palavras e/ou expressões tidas como proibidas ou consideradas desagradáveis. Nessa inclinação linguística, levando em conta ainda o fundamento dialetológico deste trabalho, é possível dizer que falantes de uma língua, tendo em vista seu recorte econômico, geográfico, etário etc., sempre buscam maneiras de representar e nomear o mundo ao seu redor por meio da linguagem. Assim sendo, registros dialetais ajudam a enxergar aspectos históricos, sociais, geográficos etc. que marcam os usos linguísticos de um grupo.

Cruzar esses apontamentos de linguagem com quem diz, como se diz e o que se diz sobre a menstruação desponta outro caráter indispensável desta pesquisa: conferir a existência violenta e insistente de mecanismos sociais e linguísticos de controle, abjeção e repressão de

³ O percurso que vai do Projeto de Lei, passa pelos embates políticos e culmina na promulgação do decreto de dignidade menstrual pode ser conferido nos seguintes links: (1) <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/03/18/promulgada-lei-para-distribuicao-de-absorventes-as-mulheres-de-baixa-renda>; e (2) <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2023-03/governo-lanca-programa-de-distribuicao-gratuita-de-absorvente-pelo-sus>. Ambos acessados em: 28 mar. 2023.

corpos menstruantes. Adiciono, então, mais uma relevância desta pesquisa ao escrever sobre alguns elementos presentes nos bastidores da produção dos tabus sobre a menstruação, observando o porquê se evita, proíbe-se e eufemiza-se, por meio das palavras, esse ciclo uterino. Por isso que ainda neste texto resolvo tratar de alguns momentos históricos da menstruação que podem ter contribuído para o surgimento de tabus linguísticos presentes nos dados dialetais que analisei; bem como a captação desse ciclo de vida pela medicina moderna ocidental e como a cientificidade e medicalização estão refletidas em modos tabuísticos de dizer/nomear a menstruação; ou ainda como a compreensão ocidental do que é o corpo, o sexo e o gênero, e de como eles devem ou não se manifestar na sociedade, contribui ativamente para a manutenção de tabus sociais e linguísticos sobre o ciclo menstrual.

Mas não parei minhas buscas e reflexões por aí: além de ter encontrado e interagido com tantas outras postagens virtuais e tópicos populares que consideram o tema dos tabus sobre a menstruação e que me mostraram esse importante caminho para seguir, outra tensão com a qual me deparei foi encontrar maneiras de nomear a menstruação de modo a não tropeçar distraidamente em algum tabu linguístico. Somado a isso, procurei formas de falar sobre as pessoas que menstruam sem cair no reducionismo perigoso que é atribuir a menstruação apenas às mulheres cisgêneros. Pessoas trans, não binárias, agêneras, bigêneras, intersexuais etc. existem e muitas delas têm, na constituição de seus corpos, um sistema uterino que pode ou não menstruar, ou já ter menstruado, ou poder futuramente menstruar (por condição de saúde, por escolha, por comportamento do corpo etc.). Encontrei, então, dezenas de textos escritos por mulheres e grupos de feministas latinas (todos em língua espanhola) que há anos já utilizam expressões como: “corpos menstruantes”, “pessoas que menstruam/menstruantes”, “pessoas com corpos uterinos”, “pessoas com ciclos menstruais”, “mulheres e homens que menstruam”. Todas essas formas linguísticas criadas na tentativa de incluir outras possíveis identidades menstruantes que não apenas as mulheres. Isso também me mostrou que estudos sobre menstruação são de longa tradição no pensamento feminista e transfeminista latino e são pauta constante nas lutas da causa.

Contudo, só busquei e encontrei essas maneiras de nomeação quando, em 2021, aqui no Brasil, expressões linguísticas para nomear pessoas que menstruam romperam os nichos sociais específicos nos quais eram faladas e chegaram massivamente no país, via discussões virtuais, principalmente devido aos debates sobre a lei mencionada e ao posicionamento de celebridades e intelectuais. Nesse ano de 2021, o perfil do *Instagram* da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT) (@abgltoficial) publicou uma sequência de imagens (figura 4) que continha frases de afirmação sobre a multiplicidade de

peçoas que apresentam esse ciclo do corpo como aspecto da própria existência. Embora partam de uma perspectiva que objetiva inclusões identitárias e que centra a definição de alguém a partir de suas capacidades biológicas, esse movimento de tirar das mulheres a exclusividade da menstruação aponta para ressignificações sociais por meio da linguagem que ocorrem o tempo todo. O sentido não é apagar aspectos da mulheridade, mas desvelar uma nova cadeia semiótica que possibilita a obtenção ou privação de existências e direitos antes apagados ou negados.

Figura 4 – Publicação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT)



Fonte: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS, TRANSEXUAIS E INTERSEXOS. **O correto é dizer.** 2021. 5 fotografias. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CRCtRvKHFTi/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em: 18 abr. 2023.

Devido a esses encontros virtuais, teóricos e políticos que tive ao longo das minhas buscas sobre o tema e durante a minha autocompreensão sobre como tratar e me posicionar diante do assunto, opto por utilizar essas expressões tentando incluir outras vidas menstruantes possíveis que não apenas a das mulheres. Ao mesmo tempo, considero essa identidade, amparado por alguns estudos feministas, como a detentora da narrativa das histórias sobre a menstruação e os acontecimentos sociais relacionados a esse ciclo⁴. A inclusão de outras identidades nesse debate e, portanto, na História sendo contada, é um tanto recente, mas a elas também cabem todas as relevâncias e protagonismos possíveis; uma vez que as peçoas não mulheres também menstruantes igualmente merecem o cuidado e a dignidade que devem ser oferecidos à passagem por esse ciclo da vida. Menciono, inclusive, a compensação histórica, que deve ser obtida por meio de ações afirmativas e direitos políticos dados a esse conjunto de peçoas apagadas da narrativa e dissidentes sociais. Ainda assim, grupos de mulheres cisgêneros se colocam contra a utilização desses termos e contra a inclusão, alegando o apagamento da

⁴ Esse reconhecimento do protagonismo narrativo das mulheres cisgêneros no tema da menstruação, não é, necessariamente, um movimento elogioso que faço, ou um anulamento das auguras que recaem e sempre recaíram sobre essa identidade quando esse e outros temas são tratados.

identidade feminina⁵; isso só revela a indispensabilidade do debate e a necessidade do estabelecimento linguístico e social de outras formas de enxergar o mundo.

É observando esses apontamentos atuais que lanço a guinada *queer* tão vital para esta pesquisa e que também justifica a relevância de dissertar sobre os tabus relacionados à menstruação, já que não incluir, no protagonismo desse ciclo, outras vidas menstruantes possíveis é uma forma de produzir e manter tabus. Mas não só isso: é sobretudo uma maneira de controlar tipos de corpos-gêneros-sexos possíveis e impossíveis, relegando à margem e à invisibilidade aqueles que não se adequam à inteligibilidade social e, portanto, não merecem o direito de fazer parte da narrativa sobre o assunto. Adiciona-se, inclusive, o fato de, mesmo determinadas existências que menstruam serem legíveis, mecanismos de controle e regulação que determinam o como, quando, onde, para quem e por que menstruar existem. Tudo isso se manifesta nas relações sociais, mas principalmente nos usos que fazemos da linguagem; ou seja, o estudo dos tabus linguísticos, pela visão *queer*, pode evidenciar dinâmicas sociais dessa prática de pudor e proibição e como a linguagem reflete esses eventos. Dialogar, ainda, com fundamentos da Dialetologia pode permitir perceber aspectos linguísticos relativos à visão de mundo de pessoas geograficamente localizadas, podendo-se conceber a língua como um dos sistemas veiculador da cultura e dos valores.

Uma vez contextualizado e justificado o tema que será tratado nesta dissertação, resta-me agora iniciar, de fato, a escrita da caminhada de pesquisa que realizei, oferecendo a visão de um vitral difuso, rubro e translúcido que foi/está sendo resultado dos meus estudos. Informo que não foi um percurso longo a ponto de esgotar tudo sobre o assunto, também não tão curto a ponto de ausentar-se de responsabilidades teóricas e analíticas necessárias para o trato profundo que a temática demanda; e, claro, assumo os recortes relativamente honestos que a ciência me obriga a fazer. Os capítulos e seções seguintes, tendo isso em vista, tratam de mostrar as decisões desta produção de conhecimento, os seus resultados obtidos e analisados e a sua organização que julguei adequada para a progressão argumentativa deste texto. No mais, que seja uma boa leitura!

⁵ Um pouco sobre esse caso e os conflitos que começaram a ocorrer entre sociedade progressista e grupos conservadores (mesmo que feministas) pode ser conferido nos seguintes links: (1) <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/03/18/pessoas-que-menstruam-x-mulheres-que-menstruam-entenda-polemica-que-levou-ex-bbb-a-ser-denunciada-por-transfobia-na-ufmg.ghtml>; (2) <https://midianinja.org/planetafoda/por-que-estamos-usando-o-termo-pessoas-que-menstruam/>. Ambos acessados em: 28 mar. 2023. Não me atenho a desenvolver o caso, pois não é o foco analítico deste trabalho, menciono apenas à título de contextualização, para amparar a atual discussão sobre o tema e para tratar do assunto da menstruação sob outras lentes que não exclusivamente as da mulheridade e feminilidade cisgênero.

1.2 SOBRE OBJETIVOS, OBJETOS, CONTEXTOS...

Diante dos recentes acontecimentos trazidos na seção anterior, das decisões políticas e ideológicas assumidas, das relevâncias apontadas para esta pesquisa, da sempre urgente necessidade de se combater as violências de gênero e também desmembrando-me do projeto *Descrevendo a variação lexical nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil: estudos com base nos ciclos da vida e vestuário e acessórios*, o estudo que aqui desenvolvo trata da menstruação, objetivando, de modo geral, descrever como são percebidos os tabus acerca desse tema, em ocorrências dialetais obtidas durante entrevistas orais semiestruturadas do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) em Pernambuco. A partir daí, analiso qualitativamente quais dos registros dialetais coletados refletem mecanismos de abjeção do corpo menstruante, bem como quais são efeitos da produção social e técnica de padrões de corpo-sexo-gênero. Esses aspectos devem me ajudar a, especificamente, compreender o que está por trás da violência que recai sobre as pessoas que menstruam e das nuances tabuísticas que se apresentam nas falas das pessoas inquiridas.

Sendo assim, meu olhar volta-se para os ciclos de vida das pessoas que menstruam e como isso é tratado nas entrevistas realizadas a partir da Questão Semântico-Lexical 121 (QSL-121) do ALiB: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?” (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001, p. 31). Observo, assim, desde como essa pergunta estrutura a visão de mundo sobre a menstruação, até dados como gênero, idade, naturalidade e escolaridade da/o entrevistada/o – não necessariamente nessa ordem. Faço isso com outro objetivo específico analisar a qualidade das respostas dadas a QSL-121, do ponto de vista da produção de tabus sociolinguísticos sobre a menstruação e dos limites oferecidos pelo fechamento da compreensão de que apenas mulheres menstruam.

Para discorrer acerca desses objetivos, anoro-me teoricamente nos fundamentos sociolinguísticos da Dialetologia Pluridimensional (como em Cardoso (2010) e Paim (2019)), nos apontamentos metodológicos da Geolinguística (Paim, 2019) e nos estudos *queer* (Butler (2020) e Preciado (2009)). Essas teorias contribuíram com a reflexão acerca da hipótese de que as diferenças dialetais entre distintos perfis, levando em conta a pluridimensionalidade dos dados e os processos históricos e socioculturais de regulação dos gêneros, constroem práticas que reforçam tabus sociolinguísticos acerca dos ciclos de vida das mulheres (identidade tratada na coleta de itens dialetais) e afetam os sentidos linguísticos quando o tema é a menstruação, gerando diferentes determinações de gênero e perpetuando modos de dominação do corpo uterino. Também contribuíram para certificar a suposição de que as tecnologias sociais de

reificação dos padrões de dominação de gênero-sexo-corpo estão refletidas nas diferenças dialetais entre os diferentes perfis entrevistados, produzindo e reproduzindo práticas de abjeção, intencionais ou não.

Tendo isso em vista, delimito meu objeto de estudo como sendo os registros dialetais dos/as informantes do Projeto ALiB em Pernambuco, durante a interação em entrevistas sobre a menstruação. Assim sendo, o *corpus* deste trabalho são 52 entrevistas realizadas na rede de pontos de Pernambuco sobre a QSL-121 do questionário semântico-lexical do ALiB. Guiando todo esse percurso, sigo uma metodologia descritiva e crítica, que analisa os dados de maneira qualitativa, como já mencionado, seguindo percursos geolinguísticos para o levantamento e o tratamento de dados, aplicando uma lente *queer* na análise. É igualmente indispensável mencionar o caráter social dessa metodologia, ao inserir pessoas que menstruam como participantes convidadas do meu processo de pesquisa, seja relatando suas experiências, seja realizando a leitura sensível-crítica do material escrito. A partir disso, as aberturas de cada capítulo desta dissertação serão feitas ora com esses relatos, ora com recursos interativos (a exemplo da abertura deste primeiro capítulo).

Julgo importante mencionar que essas contribuições escritas das pessoas convidadas não serão submetidas à minha análise, uma vez que algumas delas recomendaram não utilizar como objeto de pesquisa a vivência individual de cada pessoa, evitando o risco de objetificar experiências particulares. Seus relatos são uma maneira que encontrei de fazê-las igualmente autoras do meu processo de estudo, pesquisa e escrita, assinando este trabalho de modo coautorial. Seus relatos também serão motivos de reflexão retórica e subjetiva para mim e para quem ler este trabalho, a fim de que nós percebamos as diversas maneiras de lidar com o ciclo de vida que a menstruação representa, seus sentidos, suas heranças, suas marcas, seus efeitos etc. Além disso, essas pessoas participam ativamente do meu processo de escrita, por meio de leituras sensíveis e críticas do material escrito, conforme mencionado, a fim de que meu trabalho, entre outros aspectos, não caia nas armadilhas da violência de gênero contra os corpos menstruantes; ou que não reproduza tabus ao tratar do tema.

Considerando esses pontos, este trabalho divide-se da seguinte maneira: neste Capítulo 1, apresento duas seções que introduzem, contextualizam e justificam este trabalho: quais caminhos me trouxeram até a organização desta pesquisa e como ela está estruturada, seus objetivos e objetos. Este primeiro capítulo é ainda um pedido de licença às pessoas que menstruam e um pedido de permissão para falar sobre o assunto, não sendo eu uma vida menstruante – é indispensável ressaltar esse aspecto sempre que oportuno, para que não saia da consciência de que lugar estou falando e quais movimentos posso fazer estando nele. O Capítulo

1 abre alas para as primeiras reflexões sobre o tema da menstruação e como os tabus estão conectados a esse ciclo de vida, evidenciando embates atuais que têm ocorrido no Brasil, as controvérsias e coincidências que falar sobre menstruação causam e o sempre emergente e necessário debate sobre o assunto.

Já no Capítulo 2, desenrolo 3 seções sobre os aspectos teórico-metodológicos desta pesquisa, desenvolvendo as referências que me guiam e me inspiram para a escrita deste texto. Na seção 2.1, apresento os aspectos teórico-metodológicos da Dialetologia Pluridimensional e da Geolinguística que amparam a minha análise; bem como desenrolo uma breve contextualização histórica sobre o Projeto Atlas Linguístico do Brasil e o Estado de Pernambuco. Na seção 2.2, apresentarei como, a partir desse projeto, construo o cenário metodológico deste trabalho. No final do capítulo 2, na seção 2.3, destaco apontamentos históricos sobre os estudos *queer* e conceituo as duas categorias que ancoram a análise qualitativa dos dados.

Na sequência, no Capítulo 3, estão apresentados fatores sociais sobre a menstruação, os reflexos de cada um nas entrevistas concedidas e os tabus que marcam algumas das entrevistas analisadas, isso delineando a análise qualitativa. Nesse capítulo, estabeleço algumas relações conceituais que os tabus têm com a menstruação, compreendendo recursos de formação dos tabus linguísticos. Também reflito sobre os caminhos históricos e científicos que tornaram a menstruação um tabu social e “doentificaram” os sentidos acerca desse ciclo, demonstrando como essa construção marca algumas ocorrências dialetais em Pernambuco; nesse momento também tento evidenciar como as práticas históricas e médicas engendraram formas de controle sobre os corpos menstruantes (sobretudo o das mulheres cisgêneros, devido ao já citado protagonismo da narrativa sobre a menstruação). Ainda disserto acerca de como os tabus são sustentados pela lógica social ocidental e heteronormativa que estabelece como devem se comportar o corpo, o gênero e o sexo, exemplificando, com os dados coletados, os efeitos permanentes dos tabus construídos por essa prática de normalização de vidas.

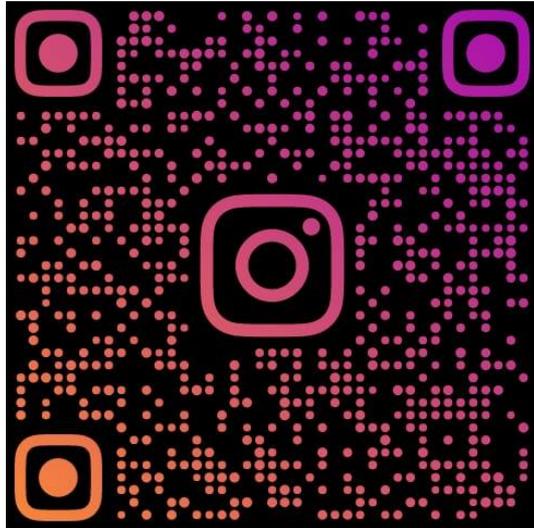
No Capítulo 4, lanço algumas palavras que finalizam este texto, mas que não ousam encerrar o debate e as possibilidades de investidas científicas, do ponto de vista sociolinguístico, sobre a menstruação. Desde já, vale a colocação do quanto os dados dialetais conferidos nas entrevistas do ALiB em Pernambuco apresentam diversidade da variação linguística dos diferentes nomes atribuídos à menstruação. Contudo, ainda que seja uma consideração importante para os estudos da linguagem, é igualmente um alerta para os estudos sociais que têm a defesa das vidas humanas como objeto de estudo – os estudos *queer*, no caso desta pesquisa –, isso porque diferentes maneiras de produzir tabus, apagamentos, abjeções,

violências... estão imbuídas nessas mesmas formas de nomear o ciclo menstrual. Após as considerações de encerramento, ao final da dissertação, disponho as Referências; e, seguidamente, o Apêndice A, onde estão as transcrições das entrevistas que compuseram o meu *corpus* (tarjo de amarelo as ocorrências dialetais presentes em cada entrevista).

Com isso, desejo que esta dissertação não seja apenas um compilado de teorias, análises e resultados, mas que seja um vitral de todos os cruzamentos e encruzilhadas por onde passei ao longo do tempo de mestrado até aqui. A lente *queer* pela qual enxergo o mundo igualmente contribui para essa disrupção da expectativa sobre um trabalho acadêmico tão tradicional, sobretudo quando o assunto se desdobra, inevitavelmente, em questões de gênero, de corpo, de sexo, de vida... e dos domínios permitidos e negados a essas práticas. É nesse território de múltiplas experiências que está o real resultado da minha pesquisa, destacando que é devido a isso que tenho entendido o meu lugar enquanto uma identidade não feminina e sem corpo uterino como pesquisadora e escritora de um assunto que não toca, nunca tocou e nem nunca tocará a minha individualidade.

CAPÍTULO 2: TONS DE VERMELHO-SANGUE

Sangramento...



2.1 QUEM, O QUE, DE ONDE E QUANDO DIZ: DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL

*“Ah eu tenho fé em Deus, né?
 Tudo que eu peço ele me ouci, né?
 Ai quando eu tô com algum pobrema eu digo
 Meu Deus! Me ajuda [...]
 Ai eu peço muito a Deus [...]
 E Deus me ouci na hora que eu peço [...]
 Eu desejo ir embora um dia pra Recife
 Não vou porque tenho medo de avião, de torro, de
 terroristo
 Ai eu tenho medo, né?
 Corra tudo bem
 Se Deus quiser, se Deus quiser”*

(Jô, uma mulher incrível)

(Trecho de composição de Fernando Anitelli)

2.1.1 Dialetoologia Pluridimensional: as cinco fases e breves considerações

Nesta dissertação, é desenvolvido um estudo na área da Linguística, que por sua gênese enfoca em

[...] todas as manifestações da linguagem humana, quer se trate de povos selvagens ou de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou de decadência, considerando-se em cada período não só a linguagem correta e a ‘bela linguagem’, mas todas as formas de expressão (Saussure, 2006 [1916], p. 13).

Conforme destaca o mestre genebrino, o fato de se buscar descrever padrões de usos linguísticos mais ou menos coesos, a partir de sua distribuição espacial, constitui matéria da ciência das línguas naturais. “Mais evidente ainda é a sua importância para a cultura geral: na vida dos indivíduos e das sociedades, a linguagem constitui fator mais importante que qualquer outro” (Saussure, 2006 [1916], p. 14). Dessa maneira, compreende-se que, partindo da decisão de se ter a língua como objeto de pesquisa, faz-se necessário incluir nestes estudos, outros

aspectos que se relacionam diretamente com ela, pois entende-se que tais elementos e a própria língua são indissociáveis.

Anteriormente à publicação do Curso de Linguística Geral (CLG), em 1916, por discípulos de Saussure, as pesquisas sobre a linguagem humana já se concentravam em estudos gramaticais e filológicos muito bem delimitados, de modo que os estudiosos da linguagem humana, antes e após publicação do CLG, lançaram mão de conceptualizações de língua que por vezes são complementares uma a outra. Dependendo da área de estudos que o pesquisador decida seguir, é interessante destacar que em todas elas a relação entre sistema linguístico *versus* contexto de uso é indissociável.

É partindo desta premissa que, para este trabalho, adotou-se uma acepção de língua que se aproxima daquelas apresentadas por Meillet (1977); Trudgill (1994) e Labov (2008 [1972]), pois depreende-se que estes teóricos expõem um entendimento que melhor expressa o resultado dos trabalhos que os dialetólogos vêm desenvolvendo ao longo do tempo. Nesse sentido, precisa-se destacar que a Dialetologia é uma subdisciplina da Linguística que se ocupa de descrever os dialetos de uma língua em sua concepção temporal, sociocultural e geográfica, buscando identificá-la, descrevê-la e situá-la em um conjunto de diferentes usos (Cardoso, 2010). Considerando essa proposição, toma-se como referência a distinção entre língua e dialeto feita por Chambers; Trudgill (1994, p. 20) em que se concebe uma língua como “um conjunto de dialetos mutuamente inteligíveis”. Em outras palavras, os autores caracterizam o objeto da Dialetologia como subpartes de uma língua, colocando-as lado a lado de forma equânime, de maneira que nenhuma destas subpartes seja vista como melhor ou pior que outra.

No Brasil, a Dialetologia ganha forma a partir da década de 60, com a publicação do primeiro atlas linguístico brasileiro, o Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), por Nelson Rossi (1963). Antes disso, fora do território brasileiro, os estudos dialetais já se desenvolviam de maneira satisfatória, mas com metodologia, de certa maneira embrionária, com questionários por correspondência e informantes do tipo HARAS3 (homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário), por exemplo. À medida que a disciplina científica evoluiu, desde a publicação dos primeiros atlas linguísticos, seu método de trabalho também se aperfeiçoou. Hoje, tem-se uma vasta produção de atlas linguísticos tanto no Brasil quanto no exterior que coadunam para o avanço da disciplina dentro dos estudos linguísticos.

Assim sendo, a Dialetologia brasileira se destaca por listar trabalhos que englobam tanto atlas de pequeno domínio, quanto um atlas nacional, que abarca todas as regiões brasileiras, o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). No entanto, a produção dialetal brasileira se inicia, de fato, em 1826, quando o Visconde de Pedra Branca produz um texto, em que assinala as diferenças

lexicais percebidas entre a variedade do português falada no Brasil quando comparada com a de Portugal. Este texto é publicado na introdução do Atlas Ethnographique du Globe..., por Adrien Balbi (1826) e marca, de modo temporal, o início dos estudos e análises que enfocam em aspectos do português brasileiro embasados na realidade dos registros. É, também, com essa publicação que se tem o início do que Nascentes (1952) chamou de primeira fase dos estudos dialetais no Brasil. Nas palavras do próprio autor, esta fase se encerra em 1920, com a publicação do livro *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral, obra que abre a segunda fase com produções que se diferenciam dos estudos feitos no chamado primeiro período.

Depois de Nascentes (1952) outros pesquisadores propuseram marcos temporais como demarcatórios de fases importantes para a Dialectologia brasileira, a exemplo de Ferreira; Cardoso (1994), com o detalhamento da terceira fase, e Mota; Cardoso (2006), com a delimitação da quarta fase 4. Teles (2018) faz a mais recente atualização destes períodos da disciplina entre os pesquisadores brasileiros e que merece atenção por apresentar uma nova fase: a quinta.

De acordo com a autora, a quinta fase dos estudos dialetais é marcada pela publicação dos dois primeiros volumes do ALiB e ela assegura que

Não apenas do ponto de vista do conteúdo, o ALiB representa um marco: do ponto de vista cartográfico, também se trata de uma publicação inovadora, especialmente por ser o primeiro atlas linguístico no Brasil a ter sido concebido para utilização em Sistemas de Informações Geográficas, não somente pelo fato de ter sido utilizada uma base cartográfica digital, oficial, mas também porque todas as feições geográficas estão perfeitamente construídas para esse fim. Com isso, outra característica ímpar é o georreferenciamento de todas as localidades, tornando todas cartas publicadas passíveis de reedições e complementações a qualquer época (Teles, 2018, p. 80).

Ainda, nas palavras da autora, a demarcação da quinta fase deve ser considerada neste ponto da história, pois

[...] o número de alunos de pós-graduação que voltam suas pesquisas para estudos de Dialectologia e de Sociolinguística e de alunos de iniciação científica que também o fazem aumentou consideravelmente. Muitos desses alunos já participam de novos projetos originados a partir do Projeto ALiB e que tomaram seus próprios rumos (Teles, 2018, p. 80).

Assim, pode-se observar que a Dialectologia brasileira avançou em termos teóricos e, também, metodológicos, ao longo destes quase 200 anos, alcançando uma posição de destaque, dentro dos estudos linguísticos, mas também, no registro e na manutenção de aspectos linguísticos do Português Brasileiro (PB) em seu constructo histórico. Hoje, nove anos após a publicação dos dois primeiros volumes do ALiB, e deste olhar diacrônico para a disciplina, pode-se fazer uma análise da Dialectologia brasileira, por outro viés, a exemplo do trabalho de Santos (no prelo), que vem construindo entendimentos a respeito do não dado linguístico, na

diatopia, e das considerações acerca dos questionários e a necessidade de reformulação dos mesmos, em cada novo contexto de pesquisa.

Nesse sentido, é possível entender os dialetos como variantes linguísticas que podem refletir aspectos históricos, geográficos e socioculturais, resultando em uma riqueza linguística plural (Costa, 2016). Diante disso, a Dialectologia não se delimita apenas ao estudo da variação regional, mas também leva em consideração diferenças socioeconômicas e culturais que podem exercer influências na linguagem, como variações linguísticas relacionadas a grupos sociais específicos, faixas etárias, níveis de escolaridade, entre outros. Linguistas e estudiosos da área têm realizado investigações dessas variações linguísticas, o que contribui para uma compreensão mais ampla da diversidade e riqueza do idioma falado no Brasil, fornecendo também subsídios para políticas linguísticas e práticas de ensino mais inclusivas e culturalmente sensíveis.

2.1.2 Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB): alguns apontamentos históricos, breve caracterização e método geolinguístico

Em 2003, Suzana Alice Marcelino Cardoso já disse: “A história do ALiB todos nós que estamos aqui já conhecemos. Não será, porém, sobejo nem despropositado lembrar os caminhos percorridos, os passos dados e situarmo-nos no momento atual” (p. 27). Assim sendo, coloquei-me e coloco-me como mais uma voz que ressoa a importante história do ALiB, seus processos e como ele está refletido nesta pesquisa de mestrado. Ainda que seja uma escrita em reforço ao já dito, é também uma escrita que atravessa cruzamentos inexplorados e propõe caminhos inovadores que levam a reflexões sobre o agora pungente e o amanhã emergente do Atlas Linguístico do Brasil. Pensando nisso, lanço mão de dissertar brevemente, nesta seção, um pouco da construção do ALiB e de seus parâmetros metodológicos. Discorrerei, portanto, de onde surgem meus dados, por onde anda minha análise e para onde irão meus resultados.

A concepção de realizar um atlas abrangente da língua portuguesa no Brasil, conhecido como atlas linguístico geral do Brasil, não teve origem em 1996, nem surgiu na Bahia durante o Seminário "Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil". Filólogos e linguistas brasileiros, desde meados do século XX, como Serafim da Silva Neto, Antenor Nascentes, Celso Cunha e Nelson Rossi, já alimentavam essa ideia. Além disso, criada em 1952, a responsabilidade da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, conforme estabelecido no Decreto 30.643/20.03.1952 e na Portaria 536 de 26 de maio do mesmo ano, já apontava um interesse do próprio Governo Brasileiro em um atlas nacional (Cardoso, 2003).

Entretanto, pode-se dizer essa concepção concretizou-se com o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), no ano de 1996, “por iniciativa do grupo de pesquisadores em Dialectologia do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, durante o Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil, realizado em Salvador, Bahia” (Cardoso; Mota, 2006, p. 19-20). Cabe destacar que o Projeto ALiB é inspirado no Projeto Atlas Linguistique de la France, que foi desenvolvido na França no século XX, demonstrando o alinhamento de interesses no mapeamento linguístico. Mas não apenas isso, o desenvolvimento desse projeto adiciona-se ao progresso das diferentes etapas da Dialectologia no Brasil, pois abre o que Cardoso e Ferreira (1994) chamam de quarta fase da Dialectologia no Brasil. Ademais, sob a coordenação do Comitê Nacional, congrega pesquisadores de várias instituições brasileiras: UFBA, UFMS, UEL, UFC, UFJF, UFRGS, UFPB, UFPA, UFSC.

Nesse contexto, o ALiB visa estudar e documentar a diversidade linguística do Brasil. Para tanto, estabelece como objetivo geral a descrição da variante brasileira do português, tendo como recorte a modalidade oral, levando em consideração, sobretudo, as diferenças diatópicas, diagenéricas, diastráticas e diageracionais dos dados (Benke, 2012). Isquierdo (2006) afirma que considerar essas variáveis de naturalidade, sexo, escolaridade e idade garante as condições básicas para a construção de um estudo a partir de perspectivas diversas no que se refere ao uso de fatos da língua. Assim sendo, o ALiB foi criado para mapear as diferentes variantes regionais do português brasileiro, investigando as variações fonéticas, fonológicas, lexicais, morfológicas e sintáticas presentes nas várias regiões do país.

Com relação aos informantes, foi dada a preferência pelo perfil de informantes topoestático, que são aquelas pessoas nascidas na localidade, filhas de pais, também, da localidade e sem histórico de migração, ou seja, que não se afastaram de seus locais de origem por mais de 1/3 de suas vidas. Desse modo, selecionou-se um montante de 1100 sujeitos de pesquisa, estratificados equitativamente entre sexo (masculino e feminino), duas faixas etárias (F1 – 18 a 30 anos e F2 – 50 a 65 anos) e dois níveis de escolaridade nas capitais dos Estados (Fundamental incompleto e Universitário), isso porque, naquele momento, seria inviável encontrar informantes de faixa 2, em muitas cidades do interior, com ensino universitário concluído. Para não se correr tal risco, decidiu-se verificar nas cidades do interior, apenas informantes com nível de escolaridade Fundamental incompleto e um segundo nível de escolarização nas capitais federais. O Quadro, a seguir, visualiza o perfil dos informantes entrevistados nas capitais brasileiras pelo Projeto ALiB.

Quadro – Perfil dos informantes do Projeto ALiB

NÚMERO DO INFORMANTE	ESCOLARIDADE	FAIXA ETÁRIA	SEXO
1	Nível Fundamental	18 a 30 anos	masculino
2	Nível Fundamental	18 a 30 anos	feminino
3	Nível Fundamental	50 a 65 anos	masculino
4	Nível Fundamental	50 a 65 anos	feminino
5	Nível Universitário	18 a 30 anos	masculino
6	Nível Universitário	18 a 30 anos	feminino
7	Nível Universitário	50 a 65 anos	masculino
8	Nível Universitário	50 a 65 anos	feminino

Fonte: Benke, 2012, p. 77.

Selecionado o método de seleção de informantes, o Comitê Nacional do Projeto ALiB deliberou pelo uso de três tipos de questionários: (i) fonético-fonológico; (ii) semântico-lexical e (iii) morfosintático. A esses três questionários, acrescentaram-se outras questões. Hoje, ao se analisar os materiais da base de dados do Projeto ALiB, se percebe que o papel do inquiridor se torna mais do que fundamental na constituição destas bases, mesmo reconhecendo que o Projeto ALiB trabalhou fundado nos postulados do tripé geolinguístico. Nesta tese e em todos os trabalhos oriundos dela, segue-se a atualização apresentada por Santos (2016), a de colocar o pesquisador que vai a campo aplicar os questionários como parte essencial para o desenvolvimento do trabalho dialetal. Isso se deu, pois observou-se que, ainda que recebendo prévio treinamento e orientações, cada inquirido foi único e a postura e a atuação deste elemento foram cruciais para se alcançar os objetivos inicialmente delineados. A essa justificativa somam-se os entendimentos apresentados por Vanderci Aguilera, no volume 1 do ALiB:

Sabe-se que, por mais bem preparado que esteja o entrevistador, cada entrevista é única: o ambiente, as circunstâncias e, sobretudo, o fato de cada informante ter sua própria história de vida e seu universo cultural. Por isso, é natural surgirem imprevistos em cada uma dessas situações que exigem do documentador a criatividade e a sagacidade suficientes para contornar os obstáculos. É o que ocorre, por exemplo, quando (i) a variante local apresentada pelo informante não corresponde à que faz parte dos vocabulários ativo ou passivo do pesquisador; (ii) o documentador demonstra dificuldade para reformular a pergunta e para tentar a convergência no diálogo; ou (iii) aceita pacífica e tacitamente qualquer resposta dada pelo informante (Aguilera, 2014a, p. 107).

Dessa forma, como enfatiza a autora e com base nos inquiridos que já foram escutados para a construção desta tese, vê-se claramente que o inquiridor é, sem dúvidas o quarto elemento que sustenta a metodologia do trabalho dialetal como uma metodologia robusta e consolidada. Além disso, a proposição de Santos (2016) para a inclusão de mais este pé só reforça a ideia de

que o método por excelência da Dialetologia esteve, está e sempre estará passando por atualizações mediante as pesquisas forem se construindo e as necessidades forem, também, surgindo.

Entende-se, portanto, que, nenhum sujeito está pronto para ir a campo, mesmo recebendo treinamento. É a própria aplicação dos inquéritos que torna um inquiridor no inquiridor. Da mesma maneira, hoje, ao se analisar os materiais da base de dados do Projeto ALiB, verifica-se que algumas perguntas não são mais, moralmente, aceitas e que são questionadas pelos pesquisadores e em novos contextos de pesquisas são reformuladas. É dessa maneira que se constrói, reformula e se aplica o método geolinguístico.

2.1.3 Distribuição geográfica de Pernambuco: rede de pontos do Projeto ALiB no Estado e influências linguísticas

Pernambuco é um Estado complexo, marcado fortemente por influências de diversas culturas que aqui aportaram ao longo do tempo. A história da terra dos altos coqueiros é contada por diferentes fontes, todas tão amplas quanto específicas. Pernambuco conta sua história pelo seu hino, pelos seus ribeirinhos, pelos filhos do mangue, pelos seus artesãos, pela sua nobreza, pela sua pobreza, pelas canoas das caiçaras, pelas suas religiões, pelos seus agrestinos e sertanejos... Todo pernambucano e toda pernambucana nasce com sintomas de grandeza e conscientes do seu lugar de origem. Pessoas cortadas por seus rios, na mesma medida de pureza e poluição, seca e abundância, cacto e floresta. O povo daqui sente por Pernambuco um patriotismo de nação, de um país que outrora foi, e agora só é no coração dos novos romanos.

Na busca por essa história, diferentes fontes vieram até mim, até que me surgiu a tese de Edmilson José de Sá, publicada em 2013, cujo título é *Atlas Linguístico de Pernambuco (ALiPE)*. Nela, Sá realiza uma verdadeira enciclopédia sobre Pernambuco e cada um dos seus pontos. Decidi então resumir pontos específicos do seu trabalho nesta seção, pelos seguintes motivos: completude das características do Estados, ampla discussão e correlação com o Projeto Atlas Linguístico do Brasil e explanação detalhada sobre cada uma das cidades da rede de pontos do Estado. Quanto a este último fator, para mais detalhes, recomendo grandemente acessar seu trabalho e conhecer nuances de cada localidade. Aqui me ative a desenrolar, resumidamente, aspectos geográficos, históricos, demográficos e linguísticos de Pernambuco, a fim de apresentar a rede de pontos que constitui este trabalho.

Pertencente à Região Nordeste, o Estado de Pernambuco (PE) ocupa a posição à leste do Brasil, e possui costa banhada pelo Oceano Atlântico. Sua área com formato alongado

ultrapassa a área que hoje corresponde a Portugal, isso possibilita que Pernambuco faça divisa com quase todos os Estados do Nordeste, sendo o Maranhão (MA), Rio Grande do Norte (RN) e Sergipe (SE) as exceções. Assim sendo, PE limita-se ao Norte com o Ceará (CE) e a Paraíba (PB), ao Sul com Alagoas (AL) e Bahia (BA), a Oeste com o Piauí (PI) e a leste com o Oceano Atlântico. O litoral, por sua vez, se estende por 187 km desde a barra do rio Goiana até a do rio Persinunga ao Sul. Com esses limites, Pernambuco constitui-se por uma faixa terrestre de 98.311 km², cuja área em sentido leste-oeste possui 748 km e 240 km no sentido norte-sul, correspondendo a um percentual de 6,3% do Nordeste e 1,2% do Brasil (Sá, 2013).

Por causa dessa configuração espacial e devido ao complexo processo de povoamento ao longo do tempo, o Estado de PE foi dividido em cinco mesorregiões e 19 microrregiões geográficas. As mesorregiões de Pernambuco são: Sertão, São Francisco, Agreste, Mata e Metropolitana do Recife, as quais abrangem 185 municípios, incluindo o arquipélago de Fernando de Noronha. A distribuição cartográfica na figura 5 ilustra melhor como as mesorregiões estão localizadas.

Figura 5 – Estado de Pernambuco e suas Mesorregiões



Fonte: Mapa de Pernambuco – Mesorregiões. Disponível em: <https://www.baixarmapas.com.br/mapa-de-pernambuco-mesorregioes/>. Acesso em: 30 out. 2023.

Quanto às microrregiões, a Mesorregião do São Francisco é subdividida em duas: Itaparica e Petrolina, contemplando 15 municípios. O Sertão, por sua vez, possui quatro microrregiões: Araripina, Salgueiro, Pajeú e Moxotó, contemplando 41 municípios. Já o Agreste, a maior dentre as mesorregiões, possui seis microrregiões: Vale do Ipanema, Vale do Ipojuca, Alto Capibaribe, Garanhuns, Brejo Pernambucano e Médio Capibaribe, contemplando 71 municípios. A Mesorregião da Mata possui seus 43 municípios distribuídos em três microrregiões: Mata Meridional, Mata Setentrional e Vitória de Santo Antão. A Mesorregião Metropolitana, por fim, abriga 15 municípios distribuídos em quatro microrregiões: Fernando de Noronha, Itamaracá, Recife e Suape (Sá, 2013).

A extensão territorial, onde atualmente se encontra situado o Estado de Pernambuco é habitada há muito tempo. Há registros de presença humana de 6.000 anos, na área que compreende os municípios de Buíque, Tupanatinga, Inajá e Ibimirim. Tais registros são vistos sob a forma de pinturas rupestres no Parque Nacional da Serra do Catimbau, a 295 km de Recife, capital do Estado. Nesse sentido, é importante ressaltar que toda a área brasileira era habitada por grupos indígenas, desde os tempos mais remotos.

Em Pernambuco, enquanto, no litoral, se destacavam os tupi-guaranis, a exemplo dos Tupinambás, Tabajaras e Caetés, no interior viviam grupos do tronco Jê como, por exemplo, os Tapuias. A influência indígena já partiu do nome do Estado. Paraná-Puca, expressão oriunda do tupi que significa “onde o mar se arrebenta”, foi a perífrase produzida pelos índios ao que, mais tarde, se tornaria um dos menores estados brasileiros, mas isso não baliza sua importância para a História do Brasil e para a sociedade. A expressão originou o nome do Estado pelo fato de a maior parte do seu litoral ser protegida por paredões de recifes de coral (Sá, 2013, p. 121).

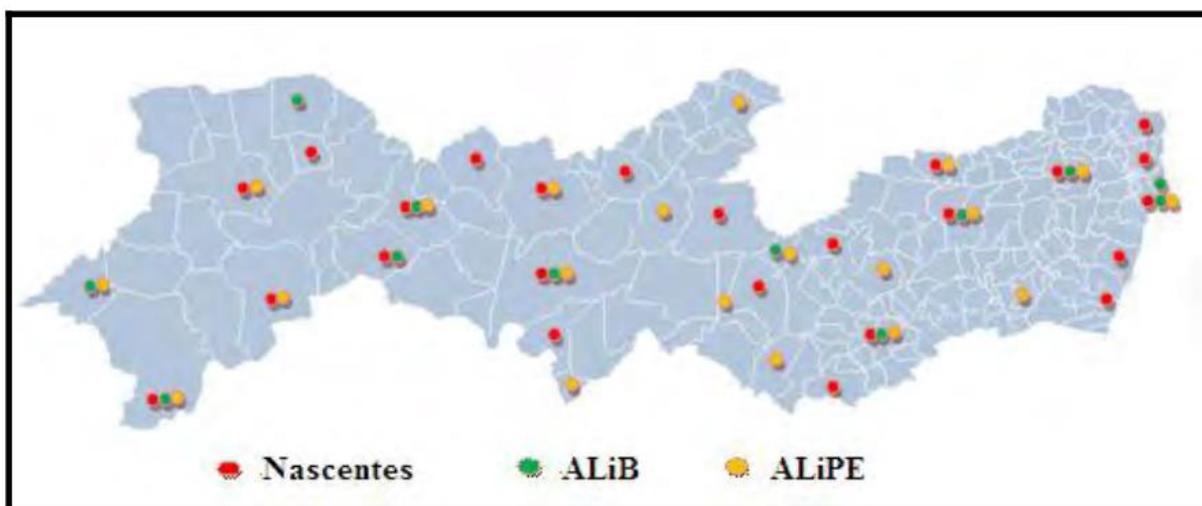
Faz-se importante mencionar os povos indígenas como a população originária de Pernambuco, pois costuma-se contar a história desse Estado a partir da chegada dos portugueses em seu território. Acerca disso, com a chegada de populações europeias, por vias diversas: escravização, conflitos, colonização, acordos políticos etc.; desse modo, não só Pernambuco, mas todo o Brasil caracteriza-se pelo fato de grande parte da população ser resultado de misturas étnicas: povos indígenas, europeus e africanos, principalmente. Como efeito dessa miscigenação, a língua falada em terras brasileiras e pernambucanas apresenta marcas das diferentes culturas e histórias que fundaram essa região, estando em constante mudança, sobretudo após eventos da modernidade, como globalização e avanço tecnológico.

Dentre as contribuições dos portugueses, está a língua oficial falada no país e a religião católica. Já os holandeses, que ocuparam o Estado entre 1630 e 1654, influenciaram a arquitetura e engenharia, bem como as relações comerciais, uma vez que a religião judaica detinha forte poder mercantil. A população afrodescendente, por sua vez, carregou consigo costumes religiosos e linguísticos que marcam profundamente nosso vocabulário, sobretudo no

que se refere às danças, comidas, agricultura etc. Dessa população há os remanescentes dos quilombos, cujas comunidades são chamadas de quilombolas. Contando toda essa miscigenação populacional, Pernambuco abriga 9.058.931 habitantes, segundo o censo IBGE de 2022. Em termos de linguagem, isso representa uma efervescência lexical, fazendo do Estado um catalizador de variedades linguísticas que se espalham pelo seu território (Sá, 2013).

Considerando esses fatores históricos, geográficos, demográficos e culturais, o Projeto ALiB, levando em conta o método de seleção de inquiridores já mencionada, selecionou 12 pontos de coleta no território Pernambucano, a fim de conferir as variedades do Estado. Além dos pressupostos metodológicos sugeridos por Nascentes (1958) de que o local prenunciasse uma linguagem peculiar da região, também foi considerada a localização dos pontos, de modo que a abrangência atingisse os quatro cantos do Estado. Sá (2013), então, faz um levantamento cartográfico sobre as redes de pontos que foram se estabelecendo para Pernambuco, apontando o fixado por Nascentes (1958), pelo ALiB e pelo Atlas Linguístico de Pernambuco (ALiPE), conforme visto na figura 6 a seguir:

Figura 6 - Distribuição de pontos de inquérito em Pernambuco, desde Nascentes ao ALiPE



Fonte: Sá, 2013, p. 141.

A partir dessas considerações, a rede de pontos de Pernambuco, no que se refere ao ALiB, constitui-se pelas seguintes cidades, em ordem alfabética, com as respectivas numerações de ponto: Afrânio (66), Arcoverde (68), Cabrobó (67), Caruaru (69), Exu (62), Floresta (71), Garanhuns (72), Limoeiro (64), Olinda (65), Petrolina (73), Recife (70), Salgueiro (63). Os dados desta pesquisa surgem das respostas aos inquéritos realizados nessas cidades.

2.2 APRESENTANDO A METODOLOGIA DA PESQUISA

“We just need to slow the motion

Don't give that away to no one

Long distance, I need you

When I see potential, I just gotta see it through”⁶

(Rihanna)

Para a metodologia desta pesquisa, seguimos orientações determinadas pela área da Dialetologia Pluridimensional em interface com a Geolinguística, ou seja, consideramos analisar dados dialetais do ponto de vista pluridimensional, associando a isso interpretações ancoradas em estudos sociais. A fim de ancorar essas escolhas, utilizamos o estudo de Vanessa Cristina Martins Benke, de 2012, intitulado *Tabus linguísticos nas capitais do Brasil: um estudo baseado em dados geossociolinguísticos*. Após realizar um levantamento bibliográfico no site do Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e no site do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), por meio dos indexadores “tabus”, “menstruação”, “dialetologia” e “queer”, o estudo de Benke (2012) foi o único localizado que se aproximava da minha pesquisa. Exatamente por isso que a organização da metodologia deste trabalho replica, em certa medida, a de Benke (2012), adequando e atualizando os procedimentos ao caso específico deste estudo.

O *corpus* desta pesquisa foi constituído pelas unidades lexicais fornecidas como respostas para a pergunta 121 do questionário semântico-lexical do Projeto ALiB (QSL/ALiB 121) (área semântica ciclos da vida) por participantes residentes em Pernambuco. Assim sendo, os dados analisados advêm das entrevistas realizadas pelos pesquisadores do Projeto ALiB, nas 12 cidades pernambucanas que integram a rede de pontos do Projeto no Estado, com 52 informantes, 04 por cidade (com exceção da capital Recife, que apresenta 08 inquiridos/as). A utilização dos dados do Projeto ALiB foi autorizada pela Diretora Científica do Projeto ALiB, Prof.^a Dr.^a Marcela Moura Torres Paim, quem me orienta e é também responsável pelo projeto que ancora esta pesquisa, *Descrivendo a variação lexical nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil: estudos com base nos ciclos da vida e vestuário e acessórios*. Este projeto guarda-chuva e esta pesquisa estão submetidos ao financiamento da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE).

⁶ Em tradução livre: Só precisamos desacelerar as coisas / Não abra mão disso por ninguém / Longa distância, eu preciso de você / Quando vejo potencial, eu simplesmente preciso ir até o fim.

A seleção desse *corpus* teve como parâmetro a perspectiva de análise dos dialetos do Estado de Pernambuco, por extensão, o estudo dialetológico com ênfase para o fenômeno dos tabus linguísticos, numa guinada queer. Logo, foi selecionada para a análise 01 pergunta da área semântica Ciclos da Vida, do Questionário Semântico-Lexical (QSL), o qual integra o Questionário Linguístico do Projeto ALiB. A escolha dessa área semântica considerou questões que suscitam no falante a manifestação de tabus, além da importância que as fases da vida possuem na formação cultural e social das pessoas. As etapas da vida contribuem para a descrição do folclore de um povo, revelando crenças e tradições, em outras palavras, supõe-se que o estudo dessas áreas semânticas possa contribuir para revelar regiões dialetais do Brasil. Desse modo, ao responderem ao questionário do ALiB (QSL, área semântica em estudo), os informantes estarão, ao mesmo tempo, apresentando dados linguísticos, culturais e sociais.

Tendo isso em vista, o levantamento dos dados selecionados para este estudo ocorreu a partir das transcrições grafemáticas dos inquéritos realizados pelos/as pesquisadores/as do Projeto ALiB, nas 12 localidades. Para fins de análise, foram consideradas todas as formas de nomear a menstruação que os/as informantes utilizaram para responder à pergunta: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? Para fins de interpretação dos dados, consideraram-se de suma importância os contextos discursivos dos informantes e seus reflexos e influências na construção dos sentidos sociais acerca da menstruação. Em casos de defeito no áudio do inquérito, utilizou-se o código “falha no áudio”. O *corpus* constituído para esta pesquisa, apresentado nas transcrições grafemáticas dos áudios das entrevistas, está disponibilizado na seção de apêndices deste trabalho, conforme já dito.

Para a execução da pesquisa, procedemos da seguinte maneira:

- 1) levantamento das respostas fornecidas pelos/as informantes do Projeto ALiB da rede de pontos de Pernambuco, para a pergunta selecionada para este estudo, por meio da audição dos áudios gravados em campo. Nessa etapa, o acesso aos áudios da entrevista foi imprescindível para a aproximação com os dados, no sentido de gerar identificação científica com o material e de ambientar o cenário de fornecimento das respostas. Além disso, a audição possibilitou a percepção de aspectos que auxiliaram na transcrição e interpretação dos dados, como a interação entre inquiridoras e inquiridos/as, o tom de voz do/a informante, dúvidas, silêncios, negações ou demora para responder à pergunta;

- 2) transcrição grafemática dos áudios das entrevistas, para tanto, optei por pontuar ortograficamente os textos de um modo simples e intuitivo, utilizando os símbolos usados na ortografia padrão, ressaltando a compreensão ou inteligibilidade dos textos, considerando o objetivo de coletar as ocorrências de nomear a menstruação. Vale ressaltar que cada sinal de

pontuação tem um lugar, significação e comprimento dentro das normas ortográficas da língua portuguesa. Esses, quando utilizados para pontuar transcrições, quase nunca representam fielmente os ritmos e pausas de quem fala, e, portanto, acabam por, em grande escala, aprisionar o discurso dentro de regras gramaticais. Coube a mim, portanto, delimitar as frases, os pontos declarativos, as situações interrogativas e exclamativas, as pausas breves com vírgulas, as reticências para outros tipos de pausas (hesitações, interrupções, silêncios, repetições, gaguejos etc.), as combinações de mais de um sinal de pontuação etc. Ainda selecionei outros recursos de sinalização como uso de letras maiúsculas em toda uma palavra ou trecho. O quadro 1, a seguir, resume as normas intuitivas que estabeleci para as transcrições:

Quadro 1 – Normas intuitivas estabelecidas e utilizadas nas transcrições grafemáticas

OCORRÊNCIA	PONTUAÇÃO	SÍMBOLO
Situações declarativas	ponto final	.
Situações interrogativas	ponto de interrogação	?
Situações exclamativas	ponto de exclamação	!
Pausas sintáticas e vocativos	vírgula	,
Outros tipos de pausas: hesitações, interrupções, silêncios, repetições, gaguejos etc.	reticências	...
Contrações ou reduções de palavras	apóstrofo	‘
Início de falas	dois pontos	:
Comentários descritivos	parênteses	()
Fala enfática	letras maiúsculas	ABC
Início de continuação de fala com uma ideia principal	inicial minúscula	abc
Antes da fala da inquiridora	três primeiras letras da palavra “inquiridora”	Inq
Antes da fala de inquiridor/a auxiliar	três primeiras letras das palavras “inquiridor/a” e “auxiliar”	Inq Aux
Antes da fala de informantes	três primeiras letras da palavra “informante”	Inf

Fonte: Compilação autoral.

3) leitura de referências. Aqui houve uma dificuldade, pois o diálogo entre Dialectologia, Geolinguística e Estudos Queer nunca havia sido feito, sendo esta pesquisa a primeira que se propõe a realizar essa empreitada científica. Assim sendo, não consigo fundamentar este

trabalho com estudos que façam essa relação, sendo preciso que eu tivesse recorrido a fundamentos primários das duas áreas, ou a artigos científicos, teses e dissertações onde estão apresentadas releituras e interpretações dos fundamentos primários (sobretudo das teorias queer), na tentativa de encontrar categorias que, de alguma maneira, dialogassem quanto aos temas “menstruação”, “tabus” e “dialetos”. Resumidamente, após as leituras, percebi que: uma vez que os dialetos são a fotografia linguística de um povo, em uma região, com determinadas marcas sociais e pessoais, muito interessa aos estudos queer, dentre outros aspectos, compreender como a linguagem é criada, é organizada, cria e organiza [por meio de] sentidos sócio-históricos acerca de pessoas marginalizadas devido ao seu sexo, corpo, gênero, identidade, sexualidade etc. Por efeito, falar sobre menstruação não é apenas falar sobre ciclos de vidas, é também falar sobre sexo, corpo, gênero, identidade, sexualidade etc.; falar sobre tabus é falar sobre modos de dizer, de não dizer, de ensinar, de condicionar, de assustar, de controlar etc., é também falar sobre como tudo isso produz e mantém estratos sociais onde muitos/as sofrem abjeção por suas existências; falar sobre dialetos de um povo e/ou região é também falar sobre como indivíduos manifestam sentidos por meio dos seus modos de falar, como estabelecem relações, como criam e perpetuam hábitos sociais, como se relacionam com as significações herdadas por falantes e organizações sociais do passado, etc. Construo este trabalho, portando, baseado nesses apontamentos elucidados pelas leituras;

4) análise *queer* dos tabus produzidos ou refletidos nas designações dadas pelos/as informantes à menstruação, utilizando exemplos do corpus transcrito, tendo como fundamento as categorias *queer* apresentadas na seção seguinte, bem como as informações fornecidas pelo/a próprio/a informante ou pela inquiridora de cada entrevista. Para isso, compreendo um pouco a realidade sociocultural da localidade, traço interpretações sobre as marcas dialetais e lanço reflexões sócio-históricas acerca do processo de formação, estabelecimento e disseminação de tabus sociolinguísticos. Em outras palavras, seguindo o que estabelece a metodologia do Projeto ALiB, tenho o interesse de buscar as relações língua-fatores sociais como forma de responder-se a questões geolinguísticas da realidade atual;

Houve ainda um quinto momento na elaboração da pesquisa, o qual consistiu na participação das pessoas convidadas em diferentes momentos da constituição escrita e teórica deste trabalho. Essas contribuições se dividiram em: participação através de leitura sensível-crítica, através de escrita de relato pessoal. Esta pesquisa não passou por nenhum conselho de ética que aprovasse o trato com as contribuições dessas pessoas, uma vez que nenhuma delas é nomeada ou reconhecida. Ainda assim, opto por concluir o texto como eu gostaria de apresentá-

lo, comprometendo-me de suprimir as informações pessoais e as contribuições dos/as convidados/as na entrega final para o Programa de Pós-Graduação e para o órgão de fomento. Embora o risco, seguro-me no valor humano e disruptivo dessa atitude, bem como na parceria com as pessoas convidadas, reiterando o compromisso apontado e sendo o eu que escreve um nós. Posto isso, seguem os procedimentos adotados nessa etapa.

- Procedimentos para participação através de leitura sensível-crítica: cada pessoa convidada para a leitura sensível-crítica recebeu uma cópia de um ou mais trechos da dissertação para ser submetida à leitura individual e analítica do texto, a fim de avaliar seu conteúdo no que diz respeito à condução do tema, ao trato humano e à representatividade na abordagem. Estima-se que cada leitor/a crítico/a precisou de até 60 minutos para integralizar a leitura e deixar seus respectivos comentários, caso julgasse necessário. O trecho para a leitura foi enviado por e-mail pessoal ou via aplicativo de mensagens (WhatsApp). A precisão sensível e crítica das leituras foi determinante para a qualidade escrita e teórica da pesquisa.

- Procedimentos para participação através de escrita de relato pessoal: a pessoa convidada para escrita de relato pessoal escreveu um texto de até 3 mil caracteres com espaço sobre sua própria experiência com seus ciclos menstruais ao longo da vida. O relato não previu norma de organização, logo, a participante pode inserir, na sua escrita, a seu critério, detalhes e histórias que julgou necessários ou confortáveis para a socialização. O relato pessoal passou por uma revisão textual a nível ortográfico e/ou sintático, cujo resultado foi submetido à avaliação da autora para que fosse aprovado. A escrita do relato pessoal teve duração estabelecida, uma vez que previu a liberdade no seu modo de produção.

Ao participar da pesquisa em um ou mais momentos dentre os descritos, cada pessoa foi comunicada que suas contribuições não seriam consideradas como dados de análise, mas, sim, coparticipação na escrita e elaboração teórica. Ainda assim, foi possível apontar alguns fatores de participação que, porventura, geraram algum tipo de desconforto, como: aborrecimento ao responder perguntas com certo nível de pessoalidade; vergonha ou inibição por não conseguir ou responder a algumas questões ou em relação ao assunto abordado; alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias; angústia decorrente da conscientização sobre uma condição física ou psicológica restritiva; alterações de visão de mundo, de relacionamentos e de comportamentos em função de reflexões sobre sexualidade, corporeidade, gênero, papel sexual etc.; quebra de sigilo e anonimato; dentre outros. Devido a isso, se fosse o caso, as participantes tiveram o direito de não realizar a leitura sensível-crítica de determinado trecho, ou não escrever o relato pessoal. Para o caso de qualquer negativa de participação, embora não tenha acontecido, nenhuma satisfação precisaria ser dada e nenhum ônus seria aplicado.

Durante a pesquisa, as informações coletadas foram armazenadas em computador protegido com senha, firewall, VPN e antivírus. Periodicamente, foram realizadas cópias de segurança dos dados em drive virtual na conta pessoal do pesquisador responsável. Esses cuidados foram tomados para contornar os riscos inerentes ao mundo virtual e às limitações dos equipamentos eletrônicos utilizados. Assim sendo, as informações, textos, contribuições e considerações estão guardados sob a responsabilidade do pesquisador RICHARD FERNANDES DE OLIVEIRA, autor principal desta dissertação, pelo período mínimo de 5 anos.

Nada foi pago e nem cobrado para participar desta pesquisa nas condições apontadas, pois a aceitação foi voluntária. As pessoas coautoras (assim chamo devido ao seu grau de contribuição) serão beneficiados diretamente com a visibilidade e a referência sobre o tema da menstruação, bem como com a divulgação do estudo, trazendo benefícios indiretos para o enriquecimento de conhecimentos sobre a menstruação e os tabus sociolinguísticos que recaem sobre esse tema, os quais poderão ser consultados para elaboração de ações futuras. A essas pessoas amigas, convidadas, meu real agradecimento.

2.3 ALGUNS PERCURSOS DAS DOMINAÇÕES SOBRE O CORPO-SEXO-GÊNERO QUE MENSTRUA

“Para envergonhar os sábios [...]

Para envergonhar os poderosos [...]

Para destruir a importância [...]

O que parece ser loucura / É mais sábio que a sabedoria humana”

(Flaira Ferro)

Antes de adentrar no que seria(m) a(s) teoria(s) *queer* e como ela está estabelecida nesta pesquisa, considero indispensável, seguindo o que muitos/as teóricos/as também fazem ao iniciar suas discussões sobre a temática, entender de onde surge a palavra “queer”. Por tradução literal, “queer” significa “esquisito”, “estranho”, “raro”, “ridículo”, “excêntrico”. Desde a sua aparição no século 16, “queer” servia para nomear as pessoas que, devido a suas condições, colocavam em xeque o funcionamento social e, portanto, eram lidas como inúteis, malfeitas, falsas, excêntricas. “*Eran “queer” el tramposo, el ladrón, el borracho, la oveja negra y la manzana podrida pero también todo aquel que por su peculiaridad o por su extrañeza no pudiera ser inmediatamente reconocido como hombre o mujer*”⁷ (Preciado, 2009, p. 14). No desenrolar do tempo, considerando dos usos da língua inglesa, “queer” tornou-se um insulto utilizado como referência pejorativa a todas as formas “anormais” da sexualidade – em português, faz-se um paralelo com as palavras “bicha”, “viado”, “gay”, “frango”, “sapatão”, “traveco” etc. (Braga; Gross, 2022; Borba, 2015; Lau; Borba, 2019).

A partir do final da década de 1980, no contexto da crise do HIV, “queer” teve seu sentido apropriado e modificado por grupos radicais – Act Up, Radical Furies e Lesbian Avengers, entre outros –, os quais afirmavam: *We’re queer, we’re here, get fucking used to it!*⁸ A aids, assim sendo, tornou-se um catalizador biopolítico para essa onda de movimentos transformarem os sentidos da palavra “queer” e atribuí-lhe sentimento de orgulho e resistência. Passa-se, então, a serem contestados os processos de normalização, violência e exclusão sexual que acontecem em uma sociedade heterossexista e nos espaços e grupos políticos que são

⁷ Em tradução livre: Era “*queer*” o traidor, o ladrão, o bêbado, a ovelha negra e a maçã podre, mas também qualquer pessoa que, pela sua peculiaridade ou estranheza, não pudesse ser imediatamente reconhecida como homem ou mulher.

⁸ Em tradução livre: Somos *queer*, estamos aqui, acostume-se com isso!

críticos dessa lógica social: o feminismo e o movimento homossexual, por exemplo. Para o insurgente movimento *queer*, dentro desses coletivos políticos progressistas, era possível também identificar tendências de exclusão semelhantes às estabelecidas pelo heterossexismo, como a centralidade de gays nas lutas políticas homossexuais, os privilégios cisgêneros diante da exclusão de pessoas transgêneras etc. (Braga; Gross, 2022; Borba, 2015; Miskolci, 2020; Preciado, 2009). Em outras palavras,

enquanto o movimento homossexual apontava para adaptar os homossexuais às demandas sociais, para incorporá-los socialmente, os *queer* preferiram enfrentar o desafio de mudar a sociedade de forma que ela lhes seja aceitável. Enquanto o movimento mais antigo defendia a homossexualidade aceitando os valores hegemônicos, os *queer* criticavam esses valores, mostrando como eles engendram as experiências da abjeção, da vergonha, do estigma (Miskolci, 2020, p. 25).

A compreensão *queer* percebia, portanto, a dominação de uma identidade particular sobre as demais identidades do movimento: assim, no feminismo e no movimento homossexual, comumente identifica-se a figura da “mulher” e o “gay” apenas como as pessoas brancas, cisgêneros e ocidentais. Assim sendo, o movimento *queer* lutava contra essa essencialização identitária que possibilita inúmeros processos danosos – como autoritarismo, controle e exclusão; e “*se trata por tanto de un movimiento post-identitario: “queer” no es una identidad más en el folklore multicultural, sino una posición de crítica atenta a los procesos de exclusión y de marginalización que genera toda ficción identitaria*”⁹ (Preciado, 2009, p. 16). Com efeito, *queer* se apresenta como um movimento de dissidentes e dissidências de gênero, a favor das pessoas que são alijadas pelo sistema identitário essencializador, e contra as normas que fazem com que os indivíduos sejam abjetificados (Braga; Gross, 2022; Butler, 2020).

No começo dos anos noventa, nesse cenário de contestações e novos entendimentos, teóricos/as gays e lésbicas igualmente tomaram posse do termo “queer” para referir-se ao que se denominavam Estudos Gays e Lésbicos. Surge, então, nos Estados Unidos, uma nova perspectiva de estudos de gênero: a teoria *queer*. Este novo campo de estudo, representado principalmente, por autoras como Judith Butler, Eve Kosofski Sedgwick e Teresa de Lauretis, propunha um questionamento ao caráter natural e inevitável da chamada heteronormatividade. Para a teoria *queer*, a heteronormatividade é conceituada como sendo uma matriz de inteligibilidade de construção sócio-histórica, ou seja, não se trata de uma construção ontológica do mundo ou de uma essência predestinada e inevitável dos seres humanos, muito menos está

⁹ Em tradução livre: É, portanto, um movimento pós-identitário: “queer” não é apenas mais uma identidade no folclore multicultural, mas antes uma posição crítica atenta aos processos de exclusão e marginalização que geram toda ficção identitária.

fixada na biologia dessa espécie, ou ainda em algum papel sexual que lhe seja inerente (Braga; Gross, 2022; Borba, 2015; Butler, 2020; Miskolci, 2020).

A heteronormatividade, percebendo isso, constrói-se discursivamente através de uma política de manutenção e controle de gêneros e corpos. Esse conceito compreende que as identidades de gênero nas sociedades ocidentais e capitalistas são classificadas e reguladas com base em uma matriz heteronormativa binária de inteligibilidade: de um lado estão os homens, entendidos como machos, de gênero masculino, com um corpo testicularizado (presença de pênis e testículos), ativos sexualmente, ejaculadores; de outro estão as mulheres, entendidas como fêmeas, de gênero feminino, com um corpo uterino (presença de vulva, útero e ovário), passivas sexualmente, reprodutoras. Qualquer existência fora dessa dualidade é marginalizada, alijada e abjetificada pelo sistema heteronormativo (Braga; Gross, 2022; Borba, 2014, 2015; Butler, 2020; Louro, 2020).

Seguindo esse padrão, a matriz heteronormativa de inteligibilidade sistematiza dinâmicas de linguagem específicas que objetivam dar sentido à vida em sociedade, traçando suas possibilidades, estabelecendo seus limites, constringendo existências e delimitando funcionamento dos corpos, além de criar fronteiras para o que, segundo essa lógica, não deve ser nomeado. A classificação por um nome só vem para aqueles/as que alinham seu gênero, sexualidade, corpo, desejo e prática sexual aos padrões binários de reconhecimento, ou seja, para aqueles/as que mantêm uma relação de continuidade e coerência com a inteligibilidade. Esse esforço naturalizado por ter coerência e continuidade é uma das práticas que desvela as normas sociais de generificação que se estabelecem em regras históricas e discursivas (Braga; Gross, 2022; Butler, 2020).

Fundamentadas nesse pensamento, as pessoas que se envolvem com a teoria *queer* e a partir dela desenvolvem conhecimentos, da década de noventa até hoje, objetivam principalmente criticar a construção da heteronormatividade e o que faz disso a regra que normaliza a heterossexualidade como o caminho correto e único de manifestar o desejo, o gênero e o corpo. Desse modo, por extensão, um dos fundamentos teóricos e metodológicos dessa teoria “é a desnaturalização/desontologização do que é considerado normal e, por conseguinte, daquilo que é relegado à zona da anormalidade” (Borba, 2015, p. 96). A partir daí, pode-se dizer que, além da matriz heteronormativa de inteligibilidade e da abjeção, a anormalidade também interessa aos estudos *queer*, sendo esses três conceitos o marco zero e a continuidade desses estudos (Borba, 2014, 2015; Butler, 2020; Louro, 2020).

Assumindo a função de desbancar e contestar esse tipo de regimento sexual nas sociedades ocidentais e capitalistas (amplia-se ainda para o fator religiosidade, considerando o

cristianismo como outra instituição de reforço e controle dos sexos, gêneros e corpos), os/as estudiosos/as *queer* agem com métodos críticos que se amparam na desconstrução pós-estruturalista da metafísica do ocidente (Braga; Gross, 2022; Butler, 2020). Essa ruptura social não prevê uma mera reorganização cognitiva ou conceitual, mas age desmantelando o escopo da ética, da política, da história, da psicanálise, da linguagem, da farmacologia: a missão é “tornar possível a vida das sexualidades que, ao não se encaixarem nos parâmetros dominantes no ocidente, veem-se condenadas” à marginalidade, à violência e à escória (Braga; Gross, 2022, p. 3).

A teoria *queer*, alinhada a esse ideal de ruptura, assume que é de um pensamento razoável considerar que qualquer mecanismo de tomar para si potentes saberes de transformação social é obsceno demais para um projeto de mundo melhor, uma vez que rompe com séculos de construção social. Desestruturar epistemes e ontologias que sustentam o atual universo da sociedade e revogar o relacionamento humano ocidental com padrões sociais de gênero e sexualidade, portanto, soa como uma aberração aos ouvidos das pessoas que não enxergam para além das paredes limitantes das normas de gênero humano. Um pensamento *queer* age para tirar a rota social do eixo e, ao golpear esses fundamentos semânticos pretensamente sólidos de uma sociedade ocidental generificada, desvela diante dos olhos que a identidade não é uma essência segura e pré-definida. Nesse ínterim, é importante notar que assumir uma postura *queer* é visualizar o mundo através de lentes críticas acerca dos discursos sobre sexualidade, gênero e corpo que normatizam uns/umas e marginalizam outros/as (Butler, 2020; Melo, 2020; Preciado, 2009).

Esses outros/as marginalizados/as, nessa perspectiva, são pessoas alijadas por seu gênero, sexualidade, corpo e desejo; várias delas, inclusive, definem-se e se colocam no mundo a partir de algumas identidades por elas construídas e/ou a ela atribuídas, transgredindo e transpassando os códigos binários da matriz heteronormativa de inteligibilidade. Para essas pessoas, atualmente, existe um imenso guarda-chuva de identidades sociais e expressões corporais: transgêneras, transexuais, travestis, andróginas, bigêneras, não binárias, agêneras, pangêneras etc. Os estudos *queer*, observando essas formas de construções identitárias, alertam para a emergência de serem tratadas as violências que atingem esses corpos e que é produto das práticas de uma compreensão binária e cartesiana de mundo. Mas não só isso, assumir essa postura identitária *queer* do gênero, e, por efeito, a existência incontestável dessa categoria de vida, é reconhecer que existem tecnologias que modificam os corpos para os polos binários e, conseqüentemente, abrem espaço para engendrar novidades técnicas de anormalização e

transformação da subjetividade sexual que se localizam entre os polos ou fora deles (Butler, 2020; Lanz, 2017; Preciado 2017; Vieira, 2017).

Conforme essa outra perspectiva *queer*, reconhecer que a sociedade ocidental, capitalista e cristã (amplia-se para branca, heterossexual e patriarcal) dispõe de técnicas que produzem ou anulam corpos – ou funcionamentos de determinados corpos – é assistir a um crescente controle social estabelecido pela lógica disciplinar dos gêneros. Antes de ser percebida essa concepção tecnológica, não eram empreendidas formas de controle, mas modos de punir o que se consideravam infrações sexuais dos indivíduos e modos de vigiar os desvios para serem corrigidos através de leis e/ou estabelecimentos políticos. Isso se confere, por exemplo, com o avanço científico, a partir do século XIX, principalmente de procedimentos médicos e farmacológicos, quando se passou a modificar os corpos enquanto um conjunto de órgãos, fluxos e neurotransmissores, cujas possibilidades de conexão e agenciamento faziam desses conjuntos corpóreos o instrumento, o suporte e o efeito de uma agenda política de produção de gênero individual – e ainda binário (Braga; Gross, 2022; Preciado, 2017).

Antes do século XIX, a medicina atual ainda não havia nascido, isso porque, até o final do século XVIII, as “artes de curar” eram as práticas “médicas” conhecidas e eram realizadas por diversas áreas da sociedade ocidental. A medicina torna-se um saber científico apenas no século XIX, num contexto histórico de consolidação e determinação do capitalismo como sistema econômico. Nesse período, dá-se início ao processo de medicalização dos corpos, aperfeiçoando, conforme o avançar do tempo, o papel político de controle do corpo-sexo-gênero através da prática médica. Esse corpo medicalizado, tão logo, transforma-se em uma obsessão, pois passa a dominar a centralidade do pensamento e da prática acadêmica, artística, midiática, industrial, científica, ativista etc. Por assim dizer, o olhar sobre o corpo modifica-se para uma estética do gênero, através da qual a imagem corporal determina o gênero-sexo, logo, o lugar social do indivíduo e o meio pelo qual determinada existência ganha reconhecimento (Pellegrini, 2020; Santaella, 2006; Silva, 2022; Vieira, 2002-2008).

Toda essa concepção do século XIX em diante ocorre porque o corpo humano torna-se um sintoma cultural; antes os sintomas eram próprios de acontecer e de serem marcados no corpo, agora o corpo é ele mesmo o sintoma de uma cultura centrada na generificação e sexualização. Essa percepção médica toma conta, sobretudo, dos corpos tidos como femininos, mostrando-se mais sistematizada quando comparada à medicalização dos corpos estabelecidos como masculinos; isso devido à necessidade de a população ser controlada, tratando a reprodução como uma responsabilidade desse corpo feminino. O controle social, nesse sentido, recai sobre a sexualidade e a reprodução, por exemplo, dominando o corpo femininos através

de técnicas da medicina em prol de uma demografia calculada e regulável. A partir disso, o corpo pode ser definido como um instrumento plástico, maleável e dócil, sobre o qual se debruçam técnicas de aprimoramento estético, bioengenharia e dominação de funções (Pellegrini, 2020; Silva, 2022; Vieira, 2002-2008).

Um exemplo prático que demonstra essa concepção teórica de técnicas corporais da sociedade ocidental contemporânea é o modo de funcionamento da pílula contraceptiva, uma evidente técnica de controle da sexualidade e dos fluxos corporais que opera na construção do que se entende por “feminilidade”. A pílula não age apenas para controlar a natalidade, seguindo a lógica do exemplo sobre regulação demográfica, mas para produzir o gênero feminino por excelência, impedindo a concepção, feminilizando os corpos e transformando-os no ideal morfológico do “ser mulher”, numa associação identitária e binária. A pílula sugere, inclusive, a regulação menstrual e a adequação desse ciclo do corpo uterino aos ritmos de uma feminilidade/mulheridade essencial; com ações cosméticas como a melhoria da textura da pele, o combate às acnes e aos pelos do corpo e da face, o aumento dos seios etc. (Braga; Gross, 2022; Preciado, 2017).

A pílula contraceptiva, bombardeando o sistema hormonal com doses farmacológicas microscopicamente estabelecidas, também age na feminilização do aparato psíquico, pois funciona em prol de um humor abatido, de fraqueza física, depressivo, com redução da pulsão sexual e da disposição à prática do sexo; além disso, transforma as mulheres em seres passivos e submissos às vontades sexuais masculinas. Esses efeitos reforçam a ideia de uma essência feminina, de um estado de espírito de ser fêmea, uma alma imaterial de ser mulher, devendo esta ser heterossexual e quimicamente regulada à sujeição ao macho viril do ocidente. Consequentemente, ocorre o apagamento da responsabilidade da técnica medicinal e das decisões políticas sobre o *modus operandi* da feminilidade, dificultando a compreensão do gênero-sexo-corpo enquanto um produto do controle social (Braga; Gross, 2022; Butler, 2020; Preciado, 2017).

Por definição, então, a corporalidade feminina não é entendida como normal se não atender a essas técnicas que o fazem um corpo socialmente funcional e aceito. Dizendo de outra maneira: as mulheres que nascem com sistema útero-ovário-vulva e, a partir daí, passam a ser biologicamente lapidadas pelo controle social são aceitas como normais; normalidade essa que as fazem artefatos industriais da modernidade e organismos modificados por técnicas de laboratório. A exigência para a normalidade ocorre mesmo depois de não haver a necessidade da pílula, durante a menopausa, já que continuam a existir procedimentos hormonais que propõem a manutenção da feminilidade após o fim do ciclo menstrual. Qualquer mulher

cisgênero que não siga esse padrão de construção, essa sujeição ao controle e esse cuidado pela normalização, sofre diversos tipos de violências e apagamentos, tendo seus corpos relegados à abjeção (Preciado, 2017).

Compreendendo esses acontecimentos sobre o corpo, a teoria *queer* considera a existência de múltiplas formas que apontam para a plasticidade que as técnicas de biologização atribuem aos corpos e, por efeito, ao gênero-sexo, gerando a não conformidade acidental ou proposital por parte de algumas pessoas. Essa não conformidade pode ser conferida, por exemplo, em existências humanas que nascem com corpos testiculados e recorrer intencionalmente aos aparatos médicos e farmacológicos para, seguindo a dose necessária de estrógenos e progesterona, adequarem seus corpos ao modo que identificam seu próprio gênero. Bem como, pessoas que nascem com sistema útero-ovário-vulva podem negar a intervenção técnica feminilizante sobre sua corporalidade e viverem sem essas intervenções, recebendo em troca estigmas sobre seus ciclos hormonais; ou mesmo, além de negarem, recorrem a doses de testosterona para ajustarem seus corpos ao gênero do espectro masculino que se identificam. Queerifica-se ainda mais essa dinâmica com outras diversas formas de combinar/manipular a lógica gênero-sexo-corpo. Conforme já mencionado, essas pessoas disruptivas estão sob um guarda-chuva da trans/a/pangeneridade e rompem com a lógica da matriz de inteligibilidade e da técnica biologizante de corpos, sendo despejadas nas valas de abjeção e anormalidade social (Butler, 2020; Lanz, 2017; Louro, 2020; Preciado, 2017).

Em toda essa compreensão até aqui, é possível afirmar que adotar uma perspectiva *queer* é, na verdade, adotar perspectivas *queer*, abrindo espaço para que sejam constituídas teorias *queer*. O que faz dessa pluralidade um singular é intencionalmente seguir o ritmo descompassado e desorientado do que se chama por anormal, não apenas no que concerne ao gênero-corpo-sexo, mas a tudo que, por entendimento, é tido como essencial, imaterial e intocável – o fazer científico não escapa disso. É conscientemente desorientar e romper, desconfiando de tudo que parece normal e/ou se diz ser, lançando questões e provocações sobre a cultura, a política, a ciência, a religião, a economia, a arte etc. Invertendo – e pervertendo – o fluxo natural e orgânico das coisas, em prol de denunciar práticas de exclusão, apagamento, abjeção e violência que se fazem inerentes à vida social, sobretudo quando atravessadas por questões de gênero-sexo-corpo. É nesse território de conflitos, incômodos, transformações e urgentes necessidades que as teorias *queer* também assumem a necessidade de investir em rompimentos da linguagem, na sua forma, sua história, seus sentidos etc. (Borba, 2014, 2015; Fernandes, 2022).

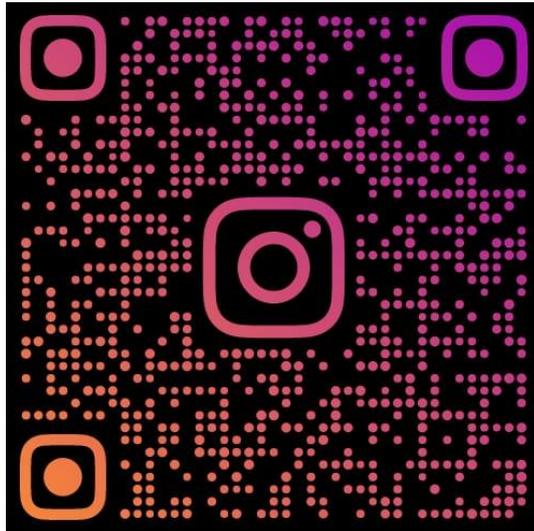
É a partir dessa importância da linguagem para as teorias *queer*, do seu desvelamento e do seu desmantelamento que emergem as encruzilhadas teóricas pelas quais este trabalho transita: “o como e o que falamos sobre a linguagem nomeia quem somos no mundo” (Gomes, 2020, 39min27seg). Esse entendimento gera transformação e agentividade, pois nada na linguagem é estático e nenhuma pessoa que interage por meio da língua é passiva dos efeitos linguísticos. Mencionar isso, portanto, é atribuir a falantes uma capacidade potencial de produção e modificação da realidade por vias linguísticas – fato que é de muito interesse das teorias *queer*. Esse movimento da língua se utiliza da repetição e do reforço para criar um conjunto de práticas normalizadoras que limitam existências a comportamentos pré-determinados, como a manutenção da matriz heteronormativa de inteligibilidade e o controle técnico biologizante sobre os corpos (Butler, 2020; Fernandes, 2022; Preciado, 2020; Von Hunty, 2020).

Essa potencialidade criadora e transformadora não apenas é atributo dos conjuntos sociais, mas também recai sobre as diferentes individualidades que, por muito tempo negligenciadas e invisibilizadas, encontram, na linguagem, maneiras de evocar para si um estado de vida (Fernandes, 2022). Surge então outro deslocamento proposto neste texto: por termos a capacidade de criar e modelar o mundo ao redor por meio da linguagem, é possível que consigamos desfazer alguns usos linguísticos cristalizados e, por efeito, advoguemos por transformações da língua que desfaçam sentidos disseminadores de violências. Destaca-se, desse modo, uma necessidade científica que aqui atesta uma interface entre a Linguística e as teorias *queer*, na intenção de mergulhar profundamente em um objeto que operacionaliza linguagem e sociedade na precarização de corpos, gêneros e sexualidades.

Por isso encerro esta seção entendendo que é possível desafiar a Linguística a sair de sua zona de conforto e a olhar para a desorientação *queer*. Para além disso: desafió-la a estabelecer um diálogo com as teorias *queer* para que juntas, teórica e metodologicamente, analisem linguagem em uso e sociedade. Com isso, em algum tipo de sincronia descoordenada, é possível que se faça ouvir um trabalho entre esses campos teóricos que debata problemas sociais nos quais a relação entre gênero, sexualidade e linguagem são centrais (Borba, 2015; Lau; Borba, 2019). Para tanto, serão desprendidas, em um momento mais adiante deste texto e considerando as limitações metodológicas e temáticas, compreensões sobre a menstruação que levem em conta uma perspectiva *queer*, a partir das categorias apresentadas: matriz heterossexual de inteligibilidade e técnicas biologizantes do corpo feminino, a fim de perceber processos de abjeção sobre os corpos menstruantes causados pelos tabus consolidados pela história da menstruação, sua medicalização e pela prática de regulação de corpo-gênero-sexo.

CAPÍTULO 3: TONS DE VERMELHO-FÉRTIL

Explodem os hormônios



3.1. REFLEXOS DE TABUS SOBRE A MENSTRUACÃO PRODUZIDOS NOS DADOS DO PROJETO ALIB EM PERNAMBUCO

“Ela vai avermelhada de sanguenolência entre as pernas

No mensal aviso de frustrações milenares

Que diz que a carne de dentro é fraca, é forte, é viva”

(Anelis Assumpção)

Cerca de 50% da população mundial menstrua todos os meses, durante quatro ou sete dias, por um período entre trinta e quarenta anos de vida. Isso é um dado generalizante da medicina atual, mas que é derivado de estudos seculares e está diretamente relacionado com um aspecto da vida humana responsável por escrever a história dessa espécie. Durante eras de evolução, as mulheres foram responsáveis por tecer a vida em sociedade a partir de como lidavam com seus fluxos sanguíneos periódicos. Inclusive, acredita-se que o crescimento quantitativo da humanidade está intimamente relacionado a como os grupos sociais passados administravam a fecundação de acordo com o sangramento da volta da lua. Em outras palavras, algumas sociedades eram guiadas por um pensamento divino e lunar sobre a menstruação, quando mulheres reuniam-se para compartilhar o momento de fertilidade e regiam períodos como os de caça e os de procriação (Knight, 1987; Sala, 2020).

Estudiosas da menstruação também apontam as relações de poder existentes na era paleolítica: por ter a capacidade de sangrar periodicamente e não morrer, por dar vida a um novo ser humano e por possuir um sangue menstrual relacionado à fertilidade das plantas, as mulheres concentravam o poder na sua comunidade (Cordovil, 2015).

Os historiadores culturais concordam que o período inicial da agricultura foi um tempo relativamente harmonioso. Predominavam os valores maternos, da terra e da fertilidade, compreendendo a comunidade humana que sua sobrevivência dependia de seguir o ritmo das estações e as leis naturais. A vida era compreendida como dádiva da terra, cujo ventre brotavam as plantas, nutridas pelas águas que jorravam do céu ou de suas próprias entranhas. Pela capacidade da fêmea de parir nova vida e nutri-la com leite que jorrava de seus seios, ela foi associada com a terra. Sendo que a vida de todos os seres dependia fundamentalmente dessa capacidade, a organização social desses povos girava em torno do valor maternal. (Von Koss, 2000, p. 73).

Em termos de linguagem, percebendo esses fatos, considero que a menstruação, em amplo aspecto da sociedade, poderia ter acepções que a relacionassem a essas características divinas, lunares, de regimentos social etc. É possível encontrarmos grupos específicos de mulheres que ainda manifestam essa compreensão; elas se relacionam com práticas modernas

de bruxaria, com atividades ancestrais indígenas e africanas, com interpretações astrológicas, com costumes exotéricos etc. Esses grupos concentram grande conhecimento sobre como as mulheres do passado viviam a experiência do sangramento periódico, como elas manifestavam seu poder na sociedade e como isso pode ser transportado para a atualidade (Cordovil, 2015). Entretanto, são mulheres que se limitam a seus grupos e encontram grandes dificuldades para disseminar seus saberes, estudos e práticas para o grande público, sendo, muitas vezes, silenciadas e violentadas de outras maneiras.

No avançar dos séculos, a forma como as civilizações ocidentais se modernizou impôs maneiras de controlar fluidos, dejetos e excrementos do corpo, isso unido a um excessivo discurso médico, biológico e farmacológico de higiene. Devido a essa nova realidade, toda a estrutura social foi modificada e surgiram diversos itens de contenção e absorção dos fluidos menstruais e de condicionamento feminino (Druet, 2021; Felitti, 2016). Por muito tempo, devido a essas instituições, palavras relacionadas à doença e à incapacidade eram atribuídas ao momento da menstruação. Essas marcas ainda podem ser conferidas através das respostas às entrevistas consideradas neste estudo, pois percebi a existência de registros dialetais que se referiam à menstruação por meio das palavras “doença” e “incomodada”, como podem ser vistos nas transcrições adiante. Reforço que todas as ocorrências consideradas para esta análise estão grifadas em amarelo.

Entretanto, antes de adentrar nessas transcrições, julgo importante destacar que foram encontradas, em Pernambuco, 18 denominações para o sangue que as mulheres perdem todos os meses: menstruação, menstruada, estar menstruada, boi, estar de/com boi, regra, estar doente, doente, estar incomodada, incômodo, bode, tempo, estar com dor de cólica, chiquinha, estar moranguinho, hemorragia, sangramento, estar hipercard. Essas denominações somam 101 ocorrências, distribuídas entre as 12 localidades analisadas. Recife, Limoeiro, Olinda, Garanhuns e Petrolina foram as localidades que mais apresentaram ocorrências: 14, 12, 11, 10 e 10, respectivamente. A variante “menstruação” foi a mais recorrente, com 44 ocorrências no Estado, sendo a única a aparecer em todas as localidades. As variantes “boi”, “estar de/com boi”, “menstruada” e “estar menstruada” também se mostraram produtivas, com 11, 9, 8 e 8 ocorrências, respectivamente; cada uma dessas apareceu em 6 localidades, distribuídas diferentemente. Existem duas ocorrências não contabilizadas, a saber: “menopausa” e “estar com menopausa”, pois representam uma confusão por parte do entrevistado (conforme será visto em transcrição mais adiante), além de serem expressões que remetem ao momento de vida após o fim da menstruação. A transcrição a seguir retoma o desenrolar da análise qualitativa e demonstra um recorte dessas quantidades, sendo a entrevista que apresentou mais ocorrências.

064-4: Limoeiro, informante feminino, faixa etária 2

Inq: As mulheres, elas perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

Inf: **Menstruação**.

Inq: E os nomes que a senhora conheceu?

Inf: **Regra**.

Inq: Hum... Mais outros?

(pausa curta)

Inf: (ininteligível) Palavra bem de... (hesitação) popular de antigamente, né? **Boi**. Povo dizia, né? ‘**Tava doente!**’ É... minha mãe usava essa.

Inq: Hurum...

Inf: É... **doente**, ‘**tava incomodada**...

Inq: Hum..

Inf: Era vários tipos de nome que é uma palavra só: menstruação, né?

Inq: Hoje em dia a senhora acha que alguém... se a senhora falar regra, boi, (ininteligível), vão conhecer?

Inf: Eu creio que sim. Já tem...

Inq: Tem gente que ainda fala assim?

Inf: Ainda escu... ainda... ainda... ass... num, num ignora não (gagueira).

Inq: Hum...

Inf: Né? Só as, as, ao, ao.. com’ é os jo... as jovens de hoje, né? (gagueira) As jovens de hoje ignora. (riso) Minha neta mesmo... Se for falar ela diz: não, vovó, né essa palavra mais não, deixe isso pra lá...

(risos)

O aparecimento desses termos em questão evidencia que eles ainda existem em circulação do contexto de Pernambuco, mesmo sendo relacionados a um tempo anterior, quando a inquiridora incentivava a memória do passado. Estar doente, ou estar incomodada, fortalecia – e ainda fortalece por meio dessas marcas atuais na linguagem – a concepção de impureza e de incapacidade do corpo. Associado a isso, está o aparecimento do termo “hemorragia” quando referido a esse sangramento uterino; a transcrição adiante apresenta os itens dialetais “doente”, “incomodada” e “hemorragia” numa mesma entrevista. Esta última palavra também remete ao domínio da medicina, caracterizando um quadro clínico específico que acomete cerca de 15% das mulheres brasileiras durante seus ciclos menstruais, segundo justificativa do Projeto de Lei 1249/22 (Haje, 2022). Esse registro dialetal atesta, mais uma vez, o quanto a menstruação e seus possíveis efeitos ainda são nomeados e compreendidos a partir do discurso médico.

072-4: Garanhuns, informante feminino, faixa etária 2

Inq: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

Inf: **Hemorragia**, que era o que eu tinha muito.

Inq: E como é, e...

Inf: **Hemorragia**, né...

Inq: (ininteligível)

Inf: ...**sangramento**...

Inq: É, mas... Quando é muito, assim, que ‘cê fala, mas se fosse o normal, diz (ininteligível)?
 Inf: **Menstruação**.
 Inq: Chama de outra maneira, o povo antigo, tudo...?
 Inf: Não.
 Inq: Num chamava não? Sua mãe, tal, ‘cê num tinha outros nomes...?
 Inf: Ela dizia que ‘**tava doente**.
 Inq: É, né, chama assim.
 Inf: É, não dizia, que era menstruação...
 Inq: É.
 Inf: ...aí gente sabe...
 Inq: É.
 Inf: ...hoje porque, né...
 Inq: É.
 Inf: Mas ela dizia que ‘**tava doente**.
 Inq: Hum...
 Inf: **Incomodada**...
 Inq: Certo...
 Inf: (risos)
 Inq: Isso é mais antigo, né?

Nesse contexto de transformação social trazida pela modernidade, o discurso capitalista publicizou a necessidade por esses acessórios, tornando-os indispensáveis em nome da produtividade. Por sua vez, o crescimento do pensamento judaico-cristão exigiu que as mulheres, quando menstruadas, mantivessem uma rotina de lavagem, troca de vestimentas, repouso, afastamento do convívio social e sentimento de imundície e desconforto. Todas essas novas práticas de intervenção cultural agiam principalmente em nome de dois ideais: a maternidade e o trabalho (Druet, 2021; Felitti, 2016). Desse modo, o fluído da menstruação tornou-se uma abjeção e um tabu a ser encarado por muitas pessoas, sobretudo quando foge do ideal heterossexual e capitalista.

071-3: Floresta, informante masculino, faixa etária 2

Inq: Agora, as mulheres, elas perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?
 (pausa curta)
 Inf: Ela ‘tá com... (pausa) **menopausa**? Ela ‘**tá com menopausa**, né?
 Inq: Como é a menopausa?
 Inf: **Menstruação**.
 Inq: Hum. Vamos agora revisar tudo. O que é que acontece todos os meses...?
 Inf: A mulher ‘**tá com menstruada**.
 Inq: Hum...
 Inf: Menstrua.
 Inq: Então o senhor diz que isso que acontece com ela...
 Inf: É...
 Inq: é a...
 Inf: **Menopausa**.

Inq: Pronto. A menopausa... acontece todos os meses?

Inf: Todos os meses.

Inq: Ou é quando termina?

Inf: (gagueira) Só apresenta na mulher... quando ‘tá grávida. Se ela ‘tiver grávida, num apresenta mais isso.

Inq: Hum...

Por se configurar como conhecimentos e saberes passados entre gerações de mulheres e meninas, a menstruação estrutura-se socialmente e discursivamente com significados marcados pelo gênero, pelo sexo e por tudo que diz respeito a determinados tipos de corpos e de corporeidades. Nesse âmbito geracional, a tradição é dizer que menstruar é um assunto restrito ao lar, cujas informações são passadas de mãe para filha, apenas aos corpos com sistema uterino¹⁰; ou obsceno demais para sequer falar sobre, ou seja, deve-se deixar longe de qualquer sentido visual, olfativo, tátil, palatal, auditivo. Assim, não é trivial falar de ciclos naturais relacionados ao útero, de quem o tem, o que fazem com ele, com suas possibilidades, seus efeitos, suas idiosincrasias, “pois, além de afetar as relações intrapessoais, nos convidam a recolocar os limites do poder e as pessoas que o detêm em sua necessidade de acessar os corpos que desejam” (Sala, 2020, p. 2, tradução livre).

Quando esses corpos são marcados pela heteronormatividade patriarcal, capitalista, cristã e ocidental, deixam de ser existências independentes e transformam-se em objetos administrados e condicionados por esses poderes e, por efeito, objetos de disputa. Assim sendo, a vida de quem possui útero e ejeção sanguínea periódica deixa de ser um ciclo natural de práticas triviais de cuidado e passa a ser instrumento que afeta relações interpessoais e desperta o controle a partir do gênero, do sexo e do corpo (Butler, 2020; Sala, 2020). No ocidente, essa lógica dominante é contestada, principalmente, pelos movimentos feministas, na medida em que questionam a posição de superioridade atribuída ao corpo masculino (Castillo-Muñoz, Mora-Guerrero, 2021). Mais adiante, em vertentes menos radicais, questionam a multiplicidade do feminino, do corpo uterino e das outras formas de ser que estão subjugadas ao que se entende por masculino dominante.

¹⁰ Aqui faço uma relação direta entre feminilidade e sistema uterino alinhado ao que disserta a referência utilizada. Entretanto, tanto eu, quanto Núria Calafell Sala, compreendemos que essa relação é derivada de um sistema patriarcal, heteronormativo e eurocêntrico que institui ao gênero apenas uma possibilidade de corpo. Em outras palavras, para esse sistema, há apenas a chance de vida de ser homem ou mulher, devendo o sistema peniano determinar o primeiro e o uterino o segundo; todas as outras manifestações de vida humana que não se alinham a isso são escorraçadas do convívio social. Esse entendimento normalizador também define o que já compreendemos como matriz heterossexual de inteligibilidade.

Nesse entendimento, conceber outros modelos de existências menstruantes que não se encaixam nesses padrões femininos generificados, sexualizados e corporificados não é possível. Em outras palavras, pessoas que possuem útero e disposição corporal para a menstruação, mas que não correspondem a esses modelos normalizados não são possíveis de existir na realidade social. Essa compreensão causa um dismantelamento nos tipos de sentidos gerados e nas produções de identidades instituídas, já que passa a se perceber que não apenas mulheres ou meninas que menstruam. Além disso, o fluxo sanguíneo, em si, não é um padrão seguido por todos os corpos com útero, uma vez que: alguns não estão aptos a esse processo, outros optam por interromper seus fluxos periódicos e outros, mesmo tendo aptidão, não apresentam regularidade no período e na intensidade da ejeção. Esses fatores associados causam uma ruptura no tipo de produção de indivíduos menstruantes tidos como normais: não apenas meninas e mulheres menstruam, nem todas as meninas e mulheres menstruam e nem todas menstruam com periodicidade ou igual intensidade.

Levando em conta esses fatores, durante as entrevistas, percebi uma em que a inquiridora generaliza a menstruação a todas as mulheres:

070-7: Recife, informante masculino, faixa etária 2, nível universitário

Inq: E as mulheres, em geral, né... (balbucio) As mulheres, todas as mulheres perdem, assim, sangue todo mês. Com' é que se chama isso?

Inf: **Menstruação**.

Considero que, além da QSL-121, em sua elaboração, já permitir que as pessoas inquiridas deduzam que apenas as mulheres menstruam e que todas elas passem por isso mensalmente, a repetição por parte da inquiridora reforça o apagamento, seja por possível desconhecimento ou intencionalidade, das outras pessoas que não se encaixam no modelo de ser mulher e de menstruar.

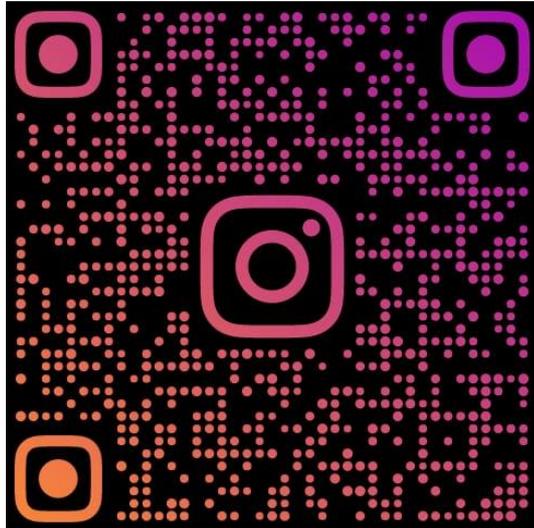
A partir desses rompimentos da percepção social e da captura de atribuição de sentidos, passa a ser necessário – no caso deste texto – repensar a linguagem, mais especificamente formas de dizer a menstruação. Esta existe antes mesmo de existir a linguagem como a conhecemos hoje, afinal de contas, os ciclos de vida vieram antes das formas atuais de falar sobre esses ciclos (Druet, 2021). Sendo assim, é preciso considerar que, mesmo a linguagem sendo parte fundamental da vida social, ela nem sempre foi suficiente para capturar e descrever a realidade em sua complexidade. Conseqüentemente, atesta-se que, ao longo dos vários anos, houve uma mudança dialética substancial no funcionamento social da linguagem; esta passou a ser o centro das mudanças. Essas transformações, dentre outras coisas, carregam as marcas

de cada tempo e deixam de herança formas de compreender o mundo a partir de modelos de linguagem.

É nessa herança que reside a manutenção dos sentidos associados às pessoas que menstruam e como elas são apreendidas socialmente. Desde o padrão evolutivo de apenas mulheres participarem da transmissão de saberes acerca da menstruação até a modernidade complexa, controladora e reguladora que ficamos diante de estratégias de repetição e condicionamento de sentidos materializados na linguagem. Nesse espaço é que também desenrolo este trabalho: não me interessa zelar por uma ideia que limita as formas de perceber diferentes realidades com base na possibilidade biológica de menstruar, mas explorar de onde vem, o que causa a manutenção dessa ideia e quais tabus estão associados.

CAPÍTULO 4: CORPO LÚTEO

Sem mais incômodos



RELATO PESSOAL

“PARA MIM, É LIMPEZA”

Por Autora Convidada

Minha relação com a menstruação iniciou-se com 11 anos. Lembro-me bem do primeiro sangue e da dor – só não sabia que a dor me acompanharia sempre –, mas também de uma felicidade pulsando dentro de mim. Minha família nunca tratou a menstruação como um tabu, minha mãe sempre leu o sangue menstrual como mudança e chegada do novo, um alívio para o corpo – não sei se leio dessa forma, mas confesso que gosto de menstruar. Por causa disso, no meu crescimento, fui observando que minha vivência sempre seria imersa em dores e transformações no corpo, talvez eu não estivesse preparada para isso, embora não haja grandes preparações para o momento em que acontece a menarca.

Meu corpo, ao longo de cada mês, incha, reduz, dói e sangra... em momentos de excitação, mistura-se com choros, alegrias, raivas e emoções completamente opostas. Possivelmente, ser uma pessoa com útero e mulher, também seja viver nessa dor e nesses sentimentos confusos... a água e o fogo em momentos semelhantes. Ao mesmo tempo, vejo o sangue como uma ligação espiritual, de bruxaria, de renovação e de um novo ciclo que está se reconstruindo, como a descamação do meu útero quando não é fecundado. Esse sangue que historicamente foi lido como sujo, para mim, é limpeza. Compreender que pessoas sangram e sentem dores com frequência, é entender essa rotatividade do corpo e essa fluidez que ligo ao – também – ser uma mulher.

4.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem é meio de comunicação entre as pessoas e nunca corresponde, nem pode corresponder, à dimensão individual, pois é uma prática que se constrói coletivamente, por meio das relações e dos acordos sociais. Isso significa que os sentidos gerados por meio da língua interferem na dinâmica da sociedade e cria múltiplas camadas de compreensão. Nessas camadas, residem maneiras de conceber aspectos da humanidade intimamente ligados à natureza dessa espécie, uma vez que não apenas os nomeamos, mas também dizemos coisas sobre eles que os fazem mais ou menos humanos. Vimos que um exemplo disso é a menstruação, ciclo natural da vida de vários indivíduos, sobre o qual recaem diversas maneiras de nomear e compreender, nem todas elas com acepções positivas, mas todas elas construídas em sociedade e representando momentos históricos, espaços geográficos, classes sociais etc.

Sobre a menstruação também se coloca uma prática de linguagem antiquíssima, os tabus, formas de não dizer, de esconder, de proibir, de inibir... Esses tabus se refletiram de diferentes formas nos dados analisados, sendo entendidos como uma maneira de controlar não apenas o que se entende da menstruação, mas também o que aceitamos como tipos de corpos-gêneros-sexos possíveis e impossíveis de menstruar, relegando à margem e à invisibilidade aqueles que não se adequam à inteligibilidade social e, portanto, não merecem o direito de fazer parte da narrativa sobre o assunto. Considero, em reiteração ao já dito ao longo do trabalho, que não incluir, no protagonismo desse ciclo, outras vidas menstruantes possíveis é uma forma de produzir e manter tabus. No que foi desenvolvido sobre isso, apontei a guinada *queer* que este trabalho propôs, uma vez que houve o rompimento de reflexões canonizadas sobre a menstruação e a abertura de [nem tão] novos caminhos de pensar e criar conhecimento sobre esse ciclo natural.

Aqui também considero, em retomada, o fato de, mesmo determinadas existências que menstruam serem legíveis, mecanismos de controle e regulação que determinam o como, quando, onde, para quem e por que menstruar existem. Tudo isso se manifesta nas relações sociais, mas principalmente nos usos que fazemos da linguagem; ou seja, o estudo dos tabus linguísticos, pela visão *queer*, pode evidenciar dinâmicas sociais dessa prática de pudor e proibição e como a linguagem reflete esses eventos. Dialogar, ainda, com fundamentos da Dialetoлогия pode permitir perceber aspectos linguísticos relativos à visão de mundo de pessoas geograficamente localizadas, podendo-se conceber a língua como um dos sistemas veiculador da cultura e dos valores.

Ainda confirmo da hipótese sobre o fato das diferenças dialetais constroem práticas que reforçam tabus sociolinguísticos acerca dos ciclos de vida das mulheres (identidade tratada na coleta de itens dialetais) e afetam os sentidos linguísticos quando o tema é a menstruação, gerando diferentes determinações de gênero e perpetuando modos de dominação do corpo uterino. Também confirmo a suposição de que as tecnologias sociais de reificação dos padrões de dominação de gênero-sexo-corpo estão refletidas nas diferenças dialetais entre os diferentes perfis entrevistados, produzindo e reproduzindo práticas de abjeção, intencionais ou não.

Com isso, esta dissertação se torna um espectro de possibilidades sobre como criar conhecimento inovador sobre assunto tão antigo na história humana, ampliando o olhar para pessoas que por séculos tiveram seus ciclos invisibilizados e negligenciados. Essa novidade também consiste em lançar para o mundo científico a semente de um diálogo entre Dialetologia, Geolinguística e Teoria *Queer*, áreas que, numa primeira impressão, podem não parecer afins, mas possuem mais semelhanças do que o esperado. Ver contextos sociais em detalhes, considerar a linguagem humana em várias dimensões, olhar para indivíduos em seus contextos mais enraizados, interpretar o mundo com lentes sociais, desbravar o desconhecido... tudo isso são aproximações conferidas entre essas teorias e demandam por mais estudos.

Retomo ainda o que já mencionei, pois vale anotar mais de uma vez sobre esta e o que sou diante dela. A lente *queer* pela qual enxergo o mundo contribui para a ruptura da expectativa sobre um trabalho acadêmico tão tradicional, principalmente em se tratando de assuntos que se desenrolam, inevitavelmente, em questões de gênero, de corpo, de sexo, de vida... e dos domínios permitidos e negados a essas práticas e às pessoas que as constroem tanto quanto por elas são afetadas. É nesse território de múltiplas experiências que está o real resultado da minha pesquisa e do eu que agora a encerra utilizando praticamente as mesmas palavras com as quais a iniciou: é devido a esta pesquisa que tenho entendido o meu lugar enquanto uma identidade não feminina e sem corpo uterino como pesquisadora e escritora de um assunto que não toca, nunca tocou e nem nunca tocará a minha individualidade.

Por fim, espero que a licença que pedi para começar esse percurso tenha aberto uma porta por onde eu tenha entrado, deixado minha contribuição e por onde agora saio – para voltar sempre – sendo guiado pelas mesmas divindades que me apresentaram. Mesmo não sendo uma pessoa menstruante, o conhecimento que me construiu mais do que construí aplicou em mim doses a mais de humanidade e de olhar sensível sobre os/as outros/as. De agora em diante, que venham mais pessoas que queiram tomar essas doses e *queerificar* o mundo.

REFERÊNCIAS

BENKE, Vanessa Cristina Martins. **Tabus linguísticos nas capitais do Brasil**: um estudo baseado em dados geossociolinguísticos. 2012. 313 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.

Disponível em:

https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/dissertacao_benke_vanessa._tabus_linguisticos.pdf. Acesso em: 17 nov. 2023.

BORBA, Rodrigo. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. **Cadernos pagu**, n. 43, p. 441-474, jul./dez. 2014. ISSN 0104-8333. DOI: 10.1590/0104-8333201400430441. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cpa/a/T86yvM4tkCzZts3kVwqKPQG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 mar. 2023.

BORBA, Rodrigo. Linguística Queer: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. **Revista Entrelinhas**, v. 9, n. 1, p. 91-107, jan./jun. 2015. ISSN 1806-9509. DOI: 10.4013/10378. Disponível em:

<https://revistas.unisinos.br/index.php/entrelinhas/article/view/10378/4862>. Acesso em: 28 mar. 2023.

BRAGA, Patrick de Almeida Trindade; GROSS, Alexis Emanuel. Judith Butler e Paul Beatriz Preciado: uma comparação de dois modelos teóricos na construção da identidade de gênero na Teoria Queer. **Pensata**, v. 10, n. 2, p. 1-24, 2022. DOI: 10.34024/pensata.2021.v10.12064. Disponível em:

<https://periodicos.unifesp.br/index.php/pensata/article/view/12064>. Acesso em: 28 mar. 2023.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. 19. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. 287 p. Título original: Gender Trouble: feminism and the subversion of identity. ISBN 978-85-200-0611-5.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade (orgs.). **Documentos 2**: projeto atlas linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-26. ISBN 85-87243-56-X. Disponível em:

https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/documentos_1.pdf. Acesso em: 17 nov. 2023.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. O Projeto ALiB: caminhos andados e a percorrer. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; MILANI, Gleidy Aparecida; MOTA, Jacyra Andrade (orgs.). **Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB**. Salvador: ILUFBA:EDUFBA, 2003. P. 27-38. (Documentos 1). ISBN 85-232-0318-4. Disponível em:

<https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/documentos.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2023.

CASTILLO-MUÑOZ, Andrea de Lourdes. MORA-GUERRERO, Gloria. ¿Pensar el cuerpo femenino como diálogo de saberes? **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 1, p. e65893. DOI: 10.1590/1806-9584-2021v29n165893. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/65893/46660>. Acesso em: 02 jun. 2023.

CORDOVIL, Daniela. O poder feminino nas práticas da Wicca: uma análise dos Círculos de Mulheres”. **Revista Estudos Feministas**, v. 23, n. 2, p. 431–449, maio/ago. 2015. DOI: 10.1590/0104-026X2015v23n2p431. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/JCjGDfx7mzzQVF366rdhFVG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 jun. 2023.

DRUET, Anna. Como a menstruação virou tabu? Um olhar para as raízes históricas e teorias por trás do estigma menstrual. **Clue**. Berlim, 4 maio 2021. Caderno Vida e Cultura, Seção Sociedade. Disponível em: <https://helloclue.com/pt/artigos/cultura/como-a-menstruacao-virou-tabu#:~:text=Knight%20acredita%20que%20os%20tabus,tocados%2C%20criando%20seu%20pr%C3%B3prio%20tabu>. Acesso em: 02 jun. 2023.

FELITTI, Karina. El ciclo menstrual en el siglo XXI. Entre el mercado, la ecología y el poder feminino. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, n. 22, p.175-206, abr. 2016. ISSN 1984-6487. DOI: 10.1590/1984-6487.sess.2016.22.08.a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/b5f4MBFWWhNCnFMStcnzv3Rk/?format=pdf&lang=es>. Acesso em: 02 jun. 2023.

FERNANDES, Richard. A linguagem não-binária em algumas breves reflexões. *In*: OLIVEIRA, Richard Fernandes de *et al.* (org.). **Dissidências de gênero e sexualidade**. 1. ed. Recife, PE: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2022. *E-book*. p. 96-107. ISBN 978-65-86547-81-8. Disponível em: Acervo Pessoal.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994. 95p. ISBN 8572440097, 978-85-724-4009-7.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. **Tabus linguísticos**. 2. ed. aum. São Paulo: Ed. Nacional; Curitiba: Ed. da Universidade Federal do Paraná, 1979.

GOMES, Maria Carmen Aires. [Palestra sobre linguagem inclusiva de gênero]. *In*: SEMINÁRIO linguagem não-binária. Organização e Coordenação: Dr. Iran Ferreira de Melo. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (127min15seg). Publicado pelo canal TV Nephel UPE Petrolina. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hy2OiWooM1Y&t=62s>. Acesso em: 02 jun. 2023.

HAJE, Lara. Projeto garante licença para mulheres com sintomas graves no período menstrual. **Câmara dos Deputados**, Brasília, 06 jun. 2022. Caderno Comunicação. Seção Notícias. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/878508-projeto-garante-licenca-para-mulheres-com-sintomas-graves-no-periodo-menstrual/>. Acesso em: 02 jun. 2023.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Brasileirismos, regionalismos e americanismos: desafios e implicações para a lexicografia brasileira. *In*: GUEDES, Marymarcia; BERLINCK, Rose de Andrade; MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo (orgs.). **Teoria e análise linguísticas: novas trilhas**. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2006, p. 11-27. (Série Trilhas Linguísticas, n. 8).

KNIGHT, Chris. **Blood relations: menstruation and the origins of culture**. New Haven and London: Yale University Press, 1991. 746 p. ISBN 978-0-300-04911-4. Disponível em:

<https://blackbooksdotpub.files.wordpress.com/2021/10/blood-relations-chris-knight.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2023.

KOSS, Monika Von. **Feminino + masculino**: uma nova coreografia para a Eterna Dança das Polaridades. São Paulo: Escrituras Editora, 2000. 254 p.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa**: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero: uma introdução aos estudos transgêneros. 2. ed. Curitiba: Movimento Transgente, 2017. 456 p.

LAU, Heliton Diego; BORBA, Rodrigo. Conhecendo a Linguística Queer: entrevista com Rodrigo Borba. **Revista X**, v. 14, n. 4, p. 8-19, set. 2019. ISSN 1980-0614. DOI: 10.5380/rvx.v14i4.66070. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/66070/39456>. Acesso em: 28 mar. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: uma política pós-identitária para a Educação. **Revista de Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001. DOI: 10.1590/S0104-026X2001000200012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/64NPxWpgVkt9BXvLXvTvHMr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 mar. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 3. ed. rev. e ampl.; 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020. 109 p. ISBN 978-85-513-0390-0.

MELO, Iran Ferreira de. Linguística Queer: que tiro é esse, viado? In: MELO, Iran Ferreira de; AZEVEDO, Natanael Duarte de (org.). **Corpos dissidentes, corpos resistentes**: do caos à lama. Campina Grande: Realize eventos, 2020. *E-book*. p. 11-24. ISBN 978-65-86901-06-1. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/edicao/detalhes/e-book-iv-desfazendo-genero>. Acesso em: 28 mar. 2023.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 3. ed. rev. e ampl.; 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2020. p. 9-35. (Série Cadernos da Diversidade, v. 6). ISBN 978-85-513-0189-0.

PAIM, Marcela Moura Torres. **Tudo é diverso no universo**. Salvador: Quarteto, 2019.

PELLEGRINI, Bruna Neves. Revista NIN e Aleta Valente: o queer na representação do corpo das mulheres. **Revista Inter-Legere**, vol. 3, n. 27, p. c18055, 2020. ISSN 1982-1662. DOI: 10.21680/1982-1662.2020v3n27ID18055. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/18055/12631>. Acesso em: 28 mar. 2023.

PRECIADO, Paul B. (Beatriz). **Manifesto contrassexual**. Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2017. p. 9-45. ISBN 978-85-66943-13-9.

PRECIADO, Paul. B. (Beatriz). “Queer”: historia de una palabra por Paul B. Preciado. **Parole de Queer**, Barcelona, p. 14-17, abr./jun. 2009. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/79992238/ParoledeQueer1#>. Acesso em: 28 mar. 2023.

SÁ, Edmilson José de. **Atlas Linguístico de Pernambuco (ALiPE)**. 2013. 417p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. Disponível em: https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/sa_alipe.pdf. Acesso em: 17 nov. 2023.

SALA, Núria Calafell. Menstruación decolonial. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 1, p. e57907, 2020. DOI: 10.1590/1806-9584-2020v28n157907. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/sgNRqkpqRgWjfv56ywQYxpp/?format=pdf&lang=es>. Acesso em: 02 jun. 2023.

SANTAELLA, Lucia. O corpo como sintoma da cultura. In: SANTAELLA, Lucia. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2006, cap. 10, p. 133-151. ISBN 9788534921930. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/19688808/corpo-e-comunicacao-sintoma-da-cultura-santaella-lucia>. Acesso em: 28 mar. 2023.

SILVA, Dayana Almeida. **Abordagem da menstruação nas dissertações de Educação Sexual: algumas reflexões**. 2022. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Sexual) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2022. Disponível em: https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_sexual/5859.pdf. Acesso em: 28 mar. 2023.

VIEIRA, Elisabeth Meloni. **A medicalização do corpo feminino**. 1 ed.; 1 reimp. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002-2008. 84 p. (Coleção Antropologia e Saúde). ISBN 85-7541-016-4. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6924745/mod_resource/content/1/A%20medicaliza%C3%A7%C3%A3o%20do%20Corpo%20feminino.pdf. Acesso em: 28 mar. 2023.

VIEIRA, Helena. O que é ser trans: entrevista com Helena Vieira. [Entrevista cedida a] José Orenstein. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (37min30seg). Publicado pelo canal Nexo Jornal. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cSswUvSnPgQ&t=571s>. Acesso em: 28 mar. 2023.

VON HUNTY, R. [Fala sobre linguagem neutra]. In: LINGUAGEM neutra @ELLE Brasil. Produção: Rita Von Hunty. [S.l.: s.n.], 2020. 1 vídeo (15min08seg). Publicado pelo canal Tempero Drag. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WAszxxMMIIM&t=155s>. Acesso em: 30 maio 2021.

**APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS DO PROJETO ALiB EM
PERNAMBUCO, QSL 121**

062-1: Exu, informante masculino, faixa etária 1

Inq: As mulheres perdem (pausa curta) sangue todos os meses. Como chama isso?

Inf: Aqui chama de **bode**, aqui...

Inq: Hum...

Inf: É...

Inq: Chama de outra coisa sem ser bode?

Inf: Nããã...

Inq: Só isso mesmo...?

Inf: Só um aí mesmo... (ininteligível)

062-2: Exu, informante feminino, faixa etária 1

Inq: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

Inf: Ai, aqui nós chamamos de **menstruação**.

Inq: Tem outros nomes que sua vó chamava, ou sua mãe...? (ininteligível)
(ruídos)

Inf: (aparentemente sinalizou negativamente com a cabeça)

Inq: Não?

Inq Aux: (ininteligível)

062-3: Exu, informante masculino, faixa etária 2

Inq: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como chama isso?

Inf: **Menstruação**?

Inq: Hurum... Tem outros nomes por aqui?
(pausa curta)

Inq: Antigamente dizia alguma coisa...?

Inf: (risos)

Inq Aux: Ele sabe alguma. Ele deu risada é porque ele sabe...

Inf: (gargalhada)

Inq: Pode dizer todos... (ininteligível)

Inf: Não, só esse mesmo... (risos) Como é a história? (ininteligível) **‘tava menstruada**, pronto, só isso.

062-4: Exu, informante feminino, faixa etária 2

Inq: Agora. As mulheres, elas perdem sangue todos os meses. Como chama isso?

Inf: **Menstruação**.

Inq: Tinha outros nomes antigamente?

(pausa curta)

Inf: (aparentemente sinalizou negativamente com a cabeça)

Inq: Sempre no seu tempo foi esse?

Inf: Foi.

063-1: Salgueiro, informante masculino, faixa etária 1

Inq: E as mulheres, A., perdem sangue todos os meses. Como é que costuma chamar isso?

Como é que você chama quando sua esposa 'tá assim?

Inf: **Menstruação**...? (hesitação)

Inq: Só chama assim?

Inf: É...

Inq: Ah, ela 'tá...

Inf: **Menstruada**?

Inq: Só chama assim mesmo, de menstruação?

Inf: É.

Inq: Você nunca...

Inq Aux: Você não acha que sua mãe dizia outra coisa, que suas irmã...? Só pra lembrar um pouquinho... (ininteligível)

Inf: Eu não tenho uma irmã...

Inq Aux: Ah...

Inf: Deix' o ver, é... Que assim, quando é do meu tempo, assim, a mãe tinha vergonha, né, de falar essas coisa, né, pra nós, né?

Inq Aux: Aham... (risos)

Inf: ...aí, conheci quando eu casei, né, essas coisas assim, porque quem mora nessas cidades... (ininteligível)

Inq: É...

Inf: Só chama isso mesmo...

Inq: Sua esposa só fala assim, né?

Inf: É.

063-2: Salgueiro, informante feminino, faixa etária 1

FALHA NO ÁUDIO

063-3: Salgueiro, informante masculino, faixa etária 2

Inq: Agora. As mulheres, elas perdem san... sangue todos os meses. Como se chama isso?

Inf: É... **Tempo**, né?

Inq: Hum... Tem outros nomes pra isso?

Inf: É, eu num... num sei se... Eu ia falar assim, né...

Inq: Hum... Mas o senhor já lembrou tempo.

063-4: Salgueiro, informante feminino, faixa etária 2

Inq: E a... As mulheres perdem sangue todos os meses. Com'ê que a senhora chama isso... chamava... hoje chama...?

Inf: **Menstruação**. Toda vida chamei (ininteligível)

Inq: Hum... Sempre chamou menstruação?

Inf: Sempre...

Inq: Desde que a senhora teve a primeira... sempre... sua mãe também chamava assim?

Inf: Não. A minha mãe, ela não chamava menstruação, não. Ela... É... A gente **'tava menstruada**, ela tinha muita... muito cuidado pra gente num fazer muitas coisas que ofendia, aí dizia que a gente **'tava doente**.

Inq: Ah... Dizia que... (ininteligível)

Inf: Ah, num come isso, isso faz mal, tu 'tá doente!

Inq: Ah! (risos)

Inf: É...

Inq: Ati... Antigamente achava que era doença...

Inf: É chamava **doente**, que 'tava doente.

Inq: Ah, certo.

064-1: Limoeiro, informante masculino, faixa etária 1

Inq: Você sabe que as mulheres perdem sangue todos os meses.

Inf: Ham...?

Inq: Como chama isso?

Inf: **Menstruação**.

Inq: E os nomes todos que usam por aqui?

Inf: (risos) (pausa curta) Deixa pra lá... Vou falar não.

Inq: Home', mas é preciso p'eu saber se os jovens ainda sabem...(ininteligível)

Inf: Só, só... a gente fala só isso... essa palavra... que eu não quero falar. (risos)

Inq: Então fala, você (ininteligível) falar

Inq Aux: (risos) Então fala... o que você não quer falar.

Inf: Pode falar mesmo?

Inq Aux: Pode...! Deve...!

Inf: Aqui o pessoal diz quando a mulher 'tá assim... de menstruação, diz que é **boi**.

(pausa curta)

Inq: Pra lá também.

Inf: Oxe!

Inq: Mas os jovens conhecem, mas não falam, é?

Inf: É... Sabe que é menstruação, mas fala o outro, né?

Inq: Hum... Certo...

064-2: Limoeiro, informante feminino, faixa etária 1

Inq: Vamos continuar sobre coisas da vida, assim... É... As mulheres, elas perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

Inf: **Menstruação**.

Inq: Tem mais nomes, nomes que as pessoas usavam...

(pausa curta)

Inf: **Boi**.

Inq: Hum... Ainda usa?

Inf: Eu mesma, eu uso menstruação, né?

Inq: Hum...

Inf: Mas tem gente diz: chegou meu boi... (gargalhada)

Inq: E da sua idade? Gente da sua idade diz assim?

Inf: Tem gente que diz...

Inq: Tem gente que diz? Então ainda é bem conhecido isso...?

Inf: É bem conhecido

Inq: É, num é só a pessoas mais velhas que dizem isso não?

Inf: Não.

Inq: Gente da sua idade diz?

Inf: Gente da minha idade mesmo diz... A minha sobrinha mesmo diz: mas, rapaz, eu **'tou com um boi** da mulesta (risos) assim...

Inq: Hurum!

Inf: 'Tendeu?

Inq: Não sabia disso! A sobrinha é da sua idade...?

Inf: (ininteligível) (aparentemente sinalizou positivamente com a cabeça)

064-3: Limoeiro, informante masculino, faixa etária 2

Inq: Agora, o senhor sabe que as mulheres perdem sangue todos os meses, como chama isso?

Inf: **Menstruação**...? (hesitação)

Inq: Hurum... E os nomes todos que o pessoal dizia antigamente...?

Inf: Hum...

Inq: Nunca ouviu outros nomes?

Inf: Não, ouvi não. Num...

Inq: Num tenha vergonha, porque ela é professora também.

Inf: (risos) (respira fundo) Num sei não, num sei.

Inq: O senhor só sabe esse?

Inf: É, só sei esse.

Inq: Ok.

(ruídos)

064-4: Limoeiro, informante feminino, faixa etária 2

Inq: As mulheres, elas perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

Inf: **Menstruação**.

Inq: E os nomes que a senhora conheceu?

Inf: **Regra**.

Inq: Hum... Mais outros?

(pausa curta)

Inf: (ininteligível) Palavra bem de... (hesitação) popular de antigamente, né? **Boi**. Povo dizia, né? **'Tava doente!** É... minha mãe usava essa.

Inq: Hurum...

Inf: É... **doente**, **'tava incomodada**...

Inq: Hum..

Inf: Era vários tipos de nome que é uma palavra só: menstruação, né?

Inq: Hoje em dia a senhora acha que alguém... se a senhora falar regra, boi, (ininteligível), vão conhecer?

Inf: Eu creio que sim. Já tem...

Inq: Tem gente que ainda fala assim?

Inf: Ainda escu... ainda... ainda... ass... num, num ignora não (gagueira).

Inq: Hum...

Inf: Né? Só as, as, ao, ao.. com' é os jo... as jovens de hoje, né? (gagueira) As jovens de hoje ignora. (riso) Minha neta mesmo... Se for falar ela diz: não, vovó, né essa palavra mais não, deixe isso pra lá..

(risos)

065-1: Olinda, informante masculino, faixa etária 1

Inq: Agora, as mulheres costumam, é... perdem sangue todos os meses. Cum' é que chama isso? (ruídos)

Inf: **Menstruação**...? (hesitação)

Inq: 'Cê conhece outros nomes pra isso?

Inq e Inq Aux: Pode falar!

Inq: Tem problema não, isso a gente quer saber, o que é que 'cê sabe de diferente...

Inf: **BOI**, **'tá de boi** (risos)

Inq: É? Somente...?

Inf: Somente.

Inq: 'Cê tem irmã... aqui?

Inf: Tenho... (risos)

Inq: Ah, então cê sabe! Quais são os outros nomes?

Inq Aux: Pode dizer, sem vergonha.

Inf: Não, só esses mesmo, só esses (hesitação e risos)

Inq: (ininteligível)

(telefone toca)

Inf: Só esses, só esses... X.!

Inq Aux: Ok, vai, diga aí os nomezinhos pra esse sangue que as mulheres perdem todos os meses...

Inf: **Menstruada**, boi... sei não, só esses dois... tá bom. (risos)

065-2: Olinda, informante feminino, faixa etária 1

Inq: E as mulheres perdem sangue todos os meses. Com' é que chama isso?

Inf: **Menstruação**.

Inq: Qual é os outros nomes que você fala, assim, pra isso?

(ruídos)

Inf: (ininteligível) Deixa eu ver... É... Ai, chama tanta coisa, visse!?! (risos)

Inq: Fala aí!

Inf: É menstruação, é... **boi**... (gargalhada)

Inq: Que mais?

(ruídos)

Inf: É... (fala com alguém do ambiente: Ei, fecha aí...) É... Ai, meu Deus do céu... (pausa curta)

Ai, chama esses...

Inq: 'Tá certo.

Inf: Menstruação e boi.

Inq: 'Tá bom.

Inf: (fala com alguém do ambiente: 'Tá certo)

065-3: Olinda, informante masculino, faixa etária 2

Inq: Agora a senhora sabe que as mulheres perdem meses, é... sangue todos os meses. Como chama isso?

Inf: Aqui (ininteligível) **menstruação**, né?

Inq: Hum... E mais nomes pra isso?

(pausa curta) (ruídos)

Inq: Só usava esse aqui?

Inf: (gagueira) (hesitação) (ininteligível) Quer dizer, o que usam, né, o que chamam, né...

Inq: Hum...

Inf: (gagueira) (hesitação) (ininteligível) Cha... Usam muito isso aí, que a turma... (ininteligível)

Porque o correto é o quê? É menstruação.

Inq: Hum...

Inf: Sabe? Mas a turma a turma aí usa muito, é... (ininteligível) Um nome que eu num gosto...

(risos) Mas usam.

Inq: Diga aí o nome o que senhor não gosta.

Inf: (balbucio) É que eu não gosto. A turma fala: Ah, fulana hoje **'tá de boi**... (balbucio) É isso que falam.

Inq: Pois lá onde a gente mora também falam isso.

Inf: É?

Inq: É.

065-4: Olinda, informante feminino, faixa etária 2

Inq: A mulher perde sangue todos os meses. Com' é que chama isso?

Inf: **Menstruação**.

Inq: E numa certa idade isso acaba. E... Quando isso acontece se diz que a mulher...?

Inf: É... (pausa curta) Que eu 'tou agora, menopausa.

Inq: Hurum...

Inf: Acho que é a menopausa que 'tá fazendo eu perder tudo...

Inq: (risos)

Inf: Esquecer de tudo...

Inq: É... (ininteligível) Ela é a culpada. É verdade...

Inf: E eu acho que seja mesmo, visse! Porque se tu vê como eu vou pr' o médico...

Inq: É...

Inf: Ele tem a maior paciência comigo, é...

Inq: Pronto... Já... Já... Ela deu a explicação.

Inf: É... (risos)

(pausa curta)

Voz masculina: Tem outros nomes?

Inq: Sim... A senhora daria outros nomes pra isso?

Inf: Não, só sei mesmo esse: menopausa.

Inq: Hurum...

Inq Aux: E pr' o sangue que a mulher perde todos os meses...? A senhora falou que é menstruação, mas 'cê chama de (ininteligível)

Inf: Ah, o povo chama de **boi** (enfático).

Inq: Ah...

Inf: É...

(pausa curta)

Inq Aux: Tem uns nomezinhos, né? Que (ininteligível) falam...

Inf: (cortando a fala da Inq Aux) É...

(pausa curta)

Inq Aux: Que às vezes a mulher fica até com vergonha de dizer... Aí, 'tou menstruada, aí inventa tipo uns códigos...

Inf: É... Mas agora também... Porque eu sei muito, mas num me lembro agora, só me lembro desse que as meninas (ininteligível) em casa: Hoje eu 'tô com um boi da porra!

(risos)

Inf: Eita!

Inq: Bem no popular mesmo, né...

Inf: É...

Inq: ...elas dizem... (pausa curta) É isso mesmo. Vamos dizer assim então...

066-1: Afrânio, informante masculino, faixa etária 1

Inq: As mulheres, elas perdem sangue todos os meses. Como chama isso?

Inf: Menstruada?

Inq: Hurum... Então isso é a...?

Inf: Menstruação?

Inq: Isso. Tem outro nome pra menstruação aqui?

Inf: (ininteligível) chama de boi.

Inq: Hum... 'Inda chama aqui?

Inf: Chama. (riso)

066-2: Afrânio, informante feminino, faixa etária 1

Inq: E... As mulheres perdem sangue todos os meses. Como chama isso?

Inf: Está menstruada.

Inq: Pronto... E tem outro nome pra isso?

Inf: Huhum (aparentemente sinalizou negativamente com a cabeça)

Inq: E tem um pessoal antigo (estala os dedos) que chamava assim com o nome de bicho... alguma coisa assim...

Inf: Menopausa?

Inq: O que é a menopausa?

Inf: Não... É não, num é a menopausa, não, é... (pausa curta) Menstruada mesmo.

Inq: Hurum...

066-3: Afrânio, informante masculino, faixa etária 2

Inq: Então, vamo' continuar aqui... As mulheres elas perdem sangue todos os meses...

Inf: Menstruação (interrompendo a pergunta)

Inq: ...como chama isso? Pronto. (tom prolongado)

066-4: Afrânio, informante feminino, faixa etária 2

Inq: Agora. As mulheres perdem sangue todos os meses. Como chama isso?

(pausa curta)

Inf: Perde o quê?

Inq: Sangue todos os meses.

Inf: **Menstruação.**

Inq: Os outros nomes de menstruação?

(pausa curta)

Inq: Nem antigamente a senhora num acha que chamava outro nome...

Inf: (risos)

Inq: ...diferente... que hoje num chama mais...

Inf: Sei não...

Inq: Lembre aí que a senhora sabe... A senhora já ouviu falar nos nomes.

(pausa curta)

Inq: Eu também conheço uns aqui, depois eu lhe digo. (riso)

Inf: (gargalhada) Sei não...

Inq: Parecia com os animais, né?

Inf: Senhora?

Inq: Parecia com o nome dos animais, né?

Inf: Pois é...

Inq: Então, lembre aí e diga pra gente... Que eu 'tou vendo a senhora rindo, é porque a senhora sabe. (riso)

Inf: Sei não, é sério, sei não. (risos)

067-1: Cabrobó, informante masculino, faixa etária 1

Inq: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como chama isso?

Inf: **Menstruação.**

Inq: 'Cê lembra de outros nomes que sua mãe chamava, ou as mulheres por aqui chamam?

Inf: Não. Dor de cólica, assim, essas coisas...

Inq: Dor de cólica é na hora da menstruação?

Inf: Não, acho que não. É só menstruação mesmo.

Inq: Certo...

067-2: Cabrobó, informante feminino, faixa etária 1

Inq: As mulheres, elas perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

Inf: **Menstruação**.

067-3: Cabrobó, informante masculino, faixa etária 2

Inq: E as mulheres perdem sangue todos os meses, né?

Inf: É.

Inq: Com' é que se chama, assim, quais são os nomes que o senhor, é..., costuma chamar, quando é... pra designar isso, né, pra dizer o que é que acontece com as mulheres todos os meses quando elas perdem sangue.

Inf: Ah, é... aí disse: - fulano, tu é... hoje tu **'tá com dor de cólica**, né?

Inq: (ininteligível) ...que nome tem isso, né? Quando é que a mulher perde sangue...

Inf: Ah, (ininteligível), tu **'tá de menstruada** hoje, isso... 'tá, 'tá de menstruada.

Inq: Só chama assim?

Inf: É...

Inq: Lembra quando o senhor morava lá... (ininteligível) era mais novo...

Inf: Não (enfático). Na... naquele tempo, é... (ofegante) ...a pessoa ouvia... eu menino... ouvia aqueles caba mai véio dizer: - Ei, fulana, fulana **está de boi**. (risos)

Inq: (ininteligível)

Inf: Mas hoje como a palavra 'tá mais...

Inq: Moderna, né?

Inf: Mais moderna, aí diz: a **menstruação**.

Inq: Hum...

Inf: E realmente é isso mesmo, né?

Inq: Hurum...

Inf: Mas antigamente, era tudo... (pausa) bruto.

Inq: (risos)

Inf: É... (risos)

Inq: Diferente, né?

Inf: Diferente! (enfático) Fulana está... está de boi.

Inq: Hurum.

Inf: E 'tá... é... digo é um problema.

067-4: Cabrobó, informante feminino, faixa etária 2

Inq: E a... As mulheres perdem sangue todos os meses, né?

Inf: Isso.

Inq: Infelizmente... Como é que se chama isso?

Inf: **Menstruação**.

Inq: Tem outros nomes aqui? Você mesmo, assim, com as amigas...

Inf: Não...

Inq: Com as pessoas mais velhas... Como é que se diz, assim, outros nomes...

Inf: Só uso essa... **Menstruada**, menstruação...

Inq: Ah, usa assim... (ininteligível)

Inf: TPM... só... Só isso.

Inq: Mas assim... (ininteligível)

Inf: TPM já é... (ininteligível)

Inq: É, já é (ininteligível) né?

Inf: Isso.

Inq: Aí quando está sangrando mesmo, só diz assim...

Inf: É.

Inq: ...ah, hoje eu não posso, por exemplo, tomar banho... de rio, num posso fazer nada, porque eu...

Inf: É porque eu **'tô menstruada**.

Inq: Só fala assim?

Inf: Só.

068-1: Arcoverde, informante masculino, faixa etária 1

Inq: Agora vamo ver assim... As mulheres perdem sangue todos os meses. Com'ê que chama isso?

Inf: **Menstruação**.

Inq: Como é que pode dizer de outro jeito? Tem outro nome?

Inf: Não.

Inq: Você conhece um nome mais antigo? Que sua mãe diga... (ininteligível) coisa...?
(pausa curta)

Inf: Não. Menstruação mesmo.

068-2: Arcoverde, informante feminino, faixa etária 1

Inq: (ininteligível) As mulheres perdem sangue todos os meses. Como é que se chama isso?

Inf: **Menstruação**.

Inq: Chama de outro jeito? (ininteligível) sua mãe, sua vó... dá outro nome... (ininteligível)

Inf: (aparentemente sinalizou negativamente com a cabeça)

068-3: Arcoverde, informante masculino, faixa etária 2

Inq: Agora tem uma coisa que ah... ah... só as mulheres tem, né, que é todo mês aquela coisa que... que é com isso que elas podem ter filho, né, perde aquele sangue. Como é que se chama isso?

Inf: **Menstruação**.

068-4: Arcoverde, informante feminino, faixa etária 2

FALHA NO ÁUDIO

069-1: Caruaru, informante masculino, faixa etária 1

Inq: A mulher, as mulheres perdem sangue todos os meses. Como é que chama isso?

(pausa curta)

Inf: **Menstruação**...

069-2: Caruaru, informante feminino, faixa etária 1

Inq: E as mulheres perdem sangue todos os meses. Com' é que chama isso?

Inf: **Menstruação**.

Inq: Quais são os nomes, assim, que você conhece... que chama aqui...

Inf: Menstruação, **'tá de boi**... (riso)

Inq: É...?

Inf: É. Só esses.

Inq: Só esses?

Inf: Só. **'Tá menstruada** ou 'tá de boi.

069-3: Caruaru, informante masculino, faixa etária 2

Inq: E as mulheres perdem sangue todos os meses. Como é que se chama isso?

Inf: É o quê?

Inq: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como é que se chama isso?

Inf: **Regra.**

Inq: Só chama assim com esse nome?

Inf: É.

Inq: Só tem esse?

Inf: (aparentemente sinalizou positivamente com a cabeça)

CARUARU, 069-4: Caruaru, informante feminino, faixa etária 2

FALHA NO ÁUDIO

070-1: Recife, informante masculino, faixa etária 1, escolaridade até o 5º ano (antiga 4ª série)

Inq: E... a, as mulheres têm aquela coisa todo mês que perde aquele sangue. Com' é que chama?

Inf: **Menstruação.**

Inq: Chama por outro nome?

Inf: Não. Menstruação.

070-2: Recife, informante feminino, faixa etária 1, escolaridade até o 5º ano (antiga 4ª série)

Inq: (ininteligível) Mulheres perdem sangue todos os meses, né?

Inf: É...

Inq: Como é que chama isso?

Inq: **Menstruação.**

Inq: Chama de outro jeito?

Inf: Não.

Inq: Num chama de outro jeito não?

Inf: Não.

070-3: Recife, informante masculino, faixa etária 2, escolaridade até o 5º ano (antiga 4ª série)

Inq: Agora, aquela coisa que as mulheres têm todo mês até certa idade, como é que chama aquilo?

Inf: **Menstruação.**

Inq: Sim...

070-4: Recife, informante feminino, faixa etária 2, escolaridade até o 5º ano (antiga 4ª série)

Inq: E... quando... (pigarreia) a... tem uma, uma coisa que as mulheres todo mês têm, como é que se chama isso?

Inf: **Menstruação**.

070-5: Recife, informante masculino, faixa etária 1, nível universitário

Inq: Bom, tem uma outra coisa que, que as mulheres têm, num é, elas perdem sangue todos os meses. Como é que se chama isso?

Inf: **Menstruação**. (bocejo)

Inq: Sim. E... quando chega certa idade, então, a menstruação deixa de existir. Com'ê que a gente diz em relação a essas mudanças?

Inf: Menopausa.

Inq: Sim. Chama por algum nome mais? Engraçado, ou coisa assim...?

(pausa)

Inf: 'Cê quer gíria também...

Inq: Sim, pode dizer!

Inf: ...quer que diga essas coisas?

(pausa curta)

Inf: Pode?

Inq: Pode!

Inf: É porque tem mais coisa, assim... não, menstruação eu num sei não, é menstruação tem, né? Chamam **chiquinha**, chama...

Voz masculina: Chiquinha...

Inq: Hurum...

(pausa curta)

Inf: '**Tou moranguinho**, as menina diz (ininteligível). Aí tem... mas aí... num tem...

(ruídos de fala)

Inf: É...

070-6: Recife, informante feminino, faixa etária 1, nível universitário

Inq: Bom, e... aquele sangue que as mulheres perdem todos os meses. Com'ê que se chama?

Inf: **Menstruação**.

Inq: Chamam por outro (ininteligível)

(pausa)

Inq: Pronto?

(ruídos) (pausa)

Inq: Bom, eu vou só repetir essa pergunta aqui...

Inf: Sim...

Inq: Se a gente... Como é que chama aquilo que as mulheres têm todos os meses?

Inf: Menstruação...

Inq: Sim... E eu lhe perguntei se dava outro nome...

Inf: É, tem gente que chama de **boi**.

Inq: Sim.

070-7: Recife, informante masculino, faixa etária 2, nível universitário

Inq: E as mulheres, em geral, né... (balbucio) As mulheres, todas as mulheres perdem, assim, sangue todo mês. Com' é que se chama isso?

Inf: **Menstruação**.

070-8: Recife, informante feminino, faixa etária 2, nível universitário

Inq: A mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

Inf: **Menstruação**.

Inq: Chama de outro jeito? Tem outro nome, assim...

Inf: Nome... Que... Quer dizer, o... (hesitação) o que eu lembro: **incômodo**.

Inq: Hum... Outro nome?

Inf: **Estou incomodada**.

Inq: É... Mais antigamente, né?

Inf: Mais antigamente, é.

Inq: Hoje já...

Inf: É **menstruada**.

071-1: Floresta, informante masculino, faixa etária 1

Inq: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como chama isso?

Inf: **Menstruação**.

Inq: Tem outros nomes pra isso? Você não ouvia as pessoas mais velhas chamarem de outro nome não, né?

Inf: Huhum...

071-2: Floresta, informante feminino, faixa etária 1

Inq: E as mulheres perdem sangue todos os meses.

Inf: Hurum...

Inq: Com' é que chama isso? Quais são os nomes que você conhece pra isso?

Inf: (pigarro) **Menstruação...**

Inq: Hurum...

Inf: E também... é, com' é o nome...? (pausa) Tem outro nome, mas eu num 'tou lembrada não.

Inq: (ininteligível) 'cê vai sair de marcar (ininteligível)

Inf: A **regra!** (enfático)

Inq: Também (ininteligível)

Inf: Também, né?

Inq: Chama assim, né?

Inf: É.

Inq: (ininteligível) quer tomar banho de rio (ininteligível) uma colega, uma conhecida: Ah, num posso ir não, porque eu...

Inf: Tem (ininteligível) (gargalhada)

Inq: É o quê?

Inf: (ininteligível) Não (ininteligível) não... (gargalhada)

Inq: Ah...

Voz feminina: A gente quer saber o que você (ininteligível) de diferente.

Inf: Não, mamãe, no tempo de mamãe, mamãe dizia assim: Hoje eu **'tou de boi!** (enfático) (gargalhada)

Inq: Ah, é? (risos) Você num diz, só ela que dizia isso?

Inf: Haram. Mas eu num dizia não, é... (gargalhada)

Inq: É...?

071-3: Floresta, informante masculino, faixa etária 2

Inq: Agora, as mulheres, elas perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? (pausa curta)

Inf: Ela 'tá com... (pausa) menopausa? Ela 'tá com menopausa, né?

Inq: Como é a menopausa?

Inf: **Menstruação.**

Inq: Hum. Vamos agora revisar tudo. O que é que acontece todos os meses...?

Inf: A mulher **'tá com menstruada.**

Inq: Hum...

Inf: Menstrua.

Inq: Então o senhor diz que isso que acontece com ela...

Inf: É...

Inq: é a...

Inf: Menopausa.

Inq: Pronto. A menopausa... acontece todos os meses?

Inf: Todos os meses.

Inq: Ou é quando termina?

Inf: (gagueira) Só apresenta na mulher... quando 'tá grávida. Se ela 'tiver grávida, num apresenta mais isso.

Inq: Hum...

071-4: Floresta, informante feminino, faixa etária 2

Inq: E... A senhora sabe que as mulheres perdem sangue todos os meses. Como chama isso?

Inf: **Menstruação**.

Inq: Hum... Numa certa idade, acaba a menstruação. Então, se diz que a mulher...

Inf: Parou a menstruação.

Inq: Então ela o quê? Um nomezinho pra isso?

Inf: (ininteligível)

Inq: Não? Só diz: parou a menstruação?

Inf: Só. Parou e pronto.

Inq: Hum...

Inq Aux: E vem cá... a mãe da senhora também já falava assim, na época, quando a senhora era mais nova, quando, por exemplo, quando a senhora começou, né, começou sua menstruação, ela falou assim mesmo? A senhora perguntou, por exemplo: O que é isso? Se a senhora não sabia o que era... que sangrava assim... (ininteligível)

Inf: Se ela falou que era menstruação?

Inq Aux: Sim...

Inf: Não, era assim, ela falava **regra**.

Inq: Hum...

Inq Aux: Hum...

Inq: Eu já ia perguntar isso pra ela: Se antigamente chamava de outro jeito...

Inf: É **regra**.

Inq: Hum.

Inq Aux: Hum.

072-1: Garanhuns, informante masculino, faixa etária 1

Inq: E tem uma coisa que é só as mulheres... tem todo mês, tem aquilo, que dá aquele sangramento. Com'ê que se chama isso?

Inf: Aqui, né, o... **menstruação**, quem é mais (risos) é... entre aspa, né, mais entendido, ou **boi**, né... que é, no caso, quem é... e muita gente se chama assim, né?

Inq: Certo.

072-2: Garanhuns, informante feminino, faixa etária 1

Inq: Agora, assim, as mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

Inf: **Menstruação**.

Inq: Chama de outra maneira?

Inf: **Mens...**

Inq: Aqui pela área...

Inf: **...truada**.

Inq: O pessoal mais velho... Tem outro nome?

Inf: Não.

072-3: Garanhuns, informante masculino, faixa etária 2

Inq: E aquilo que as mulheres tem todo mês, com'ê que chama? Só mulher tem.

Inf: **Menstruada**.

Inq: Sim...

072-4: Garanhuns, informante feminino, faixa etária 2

Inq: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

Inf: **Hemorragia**, que era o que eu tinha muito.

Inq: E como é, e...

Inf: Hemorragia, né...

Inq: (ininteligível)

Inf: **...sangramento...**

Inq: É, mas... Quando é muito, assim, que 'cê fala, mas se fosse o normal, diz (ininteligível)?

Inf: **Menstruação**.

Inq: Chama de outra maneira, o povo antigo, tudo...?

Inf: Não.

Inq: Num chamava não? Sua mãe, tal, 'cê num tinha outros nomes...?

Inf: Ela dizia que 'tava doente.

Inq: É, né, chama assim.

Inf: É, não dizia, que era menstruação...

Inq: É.

Inf: ...aí gente sabe...

Inq: É.

Inf: ...hoje porque, né...

Inq: É.

Inf: Mas ela dizia que 'tava doente.

Inq: Hum...

Inf: Incomodada...

Inq: Certo...

Inf: (risos)

Inq: Isso é mais antigo, né?

073-1: Petrolina, informante masculino, faixa etária 1

Inq: E as mulheres perdem sangue todos os meses, né?

Inf: Haram.

Inq: Como que chama... isso?

Inf: Menstruação, né?

Inq: Tem outro nome?

Inf: Tem, né.

Inq: Qual é o outro nome?

Inf: 'Tá de boi, né?

Inq: Ham... (riso)

Inf: (risos)

073-2: Petrolina, informante feminino, faixa etária 1

Inq: E as mulheres perdem sangue todos os meses. Como é que chama isso?

Inf: Menstruação.

Inq: Sim, mas com'ê...

Inf: Boi. (risos)

Inq: Hum... Com'ê que tu chama?

Inf: (risos)

Inq: (ininteligível) Com'ê que 'cê chama?

Inf: (risos) É... (enfático)

Inq: (ininteligível) Ham?

Inf: É... boi, né... (ininteligível)

Inq: O quê?

Inf: Pessoa diz assim: - ah, 'tou de boi, né? (riso eufórico)

Inq: Sim, mas com'ê que 'cê fala?

Inf: É isso...

Inq: Tu fala como com tua irmã?

Inf: Eu falo isso mesmo: 'tá de boi, né? (risos)

Inq: Ham...

Inf: 'Tá de hipercard. (risos)

Inq: De quê?

Inf: Hipercard, hiper... o cartão hipercard, né vermelho? (risos eufóricos)

Inq: Ah, é! Essa pra mim é novidade!

Inf: (risos)

Inq: Hipercard é ótimo!

073-3: Petrolina, informante masculino, faixa etária 2

Inq: E. As mulheres, é... perdem o, sangue todos os meses... num é? Como é que se chama isso?

Inf: Tem vários nome... Menstruação e boi (risos)

Inq: Ham... Mas...

Inf: (ininteligível)

Inq: Sim... Mas com'ê que o povo chama mesmo, assim...?

Inf: Ah, hoje 'tá todo mundo achando fulana 'tá menstruada, né, menstruação, né...

Inq: Ham... Mas...

Inf: Menstruação veio.

Inq: ...antigamente chamava como?

Inf: Sei lá, boi, sei lá...

Inq: Hum...

073-4: Petrolina, informante feminino, faixa etária 2

Inq: E, é... As mulheres perdem sangue todos os meses. Com'ê que se chama isso?

Inf: Menstruação.

Inq: Tem outro nome?

Inf: Mulé, tem outro nome, mas num 'tou lembrada... (risos)

Inq: Não?

Inf: Não. (riso)

Inq: (riso)